

Emilio Salvetti Cordeiro

Urbano

criadores e criaturas



Atena
Editora
Ano 2023

Emilio Salvetti Cordeiro

Urbano

criadores e criaturas



Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
 Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes
 Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do
 Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-
 Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Emilio Salvetti Cordeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
C794	Cordeiro, Emilio Salvetti Urbano: criadores e criaturas / Emilio Salvetti Cordeiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1930-3 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.303232410 1. Urbanização. I. Cordeiro, Emilio Salvetti. II. Título. CDD 711.4
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

ESTENDER	1
a) COMEÇO?.....	1
b) TEMPO E ESPAÇO	2
c) MERCADORIA-ARQUITETURA E GENTRIFICAÇÃO	3
d) CAPITALISMO E CRISES	7
e) A REVOLTA DA VACINA E A CRISE URBANA DO RIO DE JANEIRO	11
f) A CIDADE MODERNA, QUAIS SÃO NOSSOS CORPOS REBELDES?	12
g) RESISTÊNCIA, A CIDADE QUE NÃO SE CURVA.....	14
h) IMAGENS: HÁ FRONTEIRAS ENTRE O REAL E O VIRTUAL?	16
i) PROPOSTAS – DERIVA – ARMAÇÃO	21
j) CIDADE: MULTIFORME E INDEFINÍVEL OU COMPREENDIDA E INESCAPÁVEL?....	24
k) CORPORALIDADE VIRTUAL OU VIRTUALIDADE CORPORAL?	26
l) CAMPOS DE AÇÃO-SIGNIFICADO	28
m) A REVOLUÇÃO QUE VIRÁ (frente ao triunfo da técnica).....	30
n) DERIVA-ARMAÇÃO: RELATO CORPO-DE-DELITO #1	32
o) PIXO – APROPRIAÇÃO – INTERPRETAÇÃO - GARANTIAS	35
p) DERIVA #2	36
q) DERIVA #3	37
r) DERIVA #4 – NOVA COLAGEM, TALVEZ SILENCIOSA, BRANDA E COM, SOMENTE, AMENIDADES	38
s) PERCEBER POSSIBILIDADES	38
t) A NÉVOA DA CIDADE REBELDE & A IMPOSTURA DA CIDADE DIGITAL.....	41
ESPALHAR	44
a) GENEALOGIAS, DESEJO EM DERIVAR	44
c) GOZO MÚLTIPLO E IMPERATIVO DA EUFORIA.....	54
d) TÃO LONGE, TÃO PERTO	55
e) SONHOS A OLHOS ABERTOS	56

f) CONTRAPONTO.....	58
g) DES-DOBRAMENTOS.....	60
h) REDE DE RASTILHOS OU O FOGO VEM DE TODOS OS LADOS	60
i) NÃO VAI ACABAR NUNCA	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

ESTENDER

a) COMEÇO?

O mundo já possui o sonho de um tempo. Para vivê-lo de fato, deve agora possuir a consciência dele. (Debord, **A Sociedade do Espetáculo**¹)

[o adivinho para Zaratustra] ‘- e vi descer sobre os homens uma grande tristeza. Os melhores entre eles se cansaram de suas obras. / Uma doutrina surgiu, acompanhada de uma fé: Tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi! (...)’; [Zaratustra sonha] Tinha chaves comigo, as mais enferrujadas de todas as chaves; e sabia, com elas, abrir o mais rangente de todos os portões. (Nietzsche, **Assim falou Zaratustra**²)

Esse trabalho é e não é autêntico, porque a originalidade é uma quimera. A imaginação, para sustentar nossa realidade, pode criar laços que não existem. Como todo pastiche, toda palavra daqui é cópia, costurada com alguma finalidade, nem que seja a criação de caos. Mesmo que não se possam encontrar caminhos nunca antes percorridos, existem muitas variáveis para uma existência, como uso do tempo, a localização no espaço ou a sequencialidade de ações, analisadas conforme um dado conjunto de elementos, estabelecidos a priori.

Um mapa psicogeográfico estabelece ou destrói vínculos pessoais ou comuns. Formam-se reproduções, bem montadas e desenvolvidas com o uso de maquiagem. Ou seja, são reproduções que mostram a falência de um mundo e de uma sociedade que vive na separação e na aparência. Um espelho reflete, mas as imagens variam conforme a posição do observador. Existem espelhos, como aqueles de certos parques-de-diversão dos anos 30, que distorcem a realidade, por terem curvaturas próprias; alguém pode parecer mais gordo, mais magro ou desproporcional. Nesta pesquisa, tentou-se reproduzir impressões de trechos de cidade: coisa mínima. No fim, nada pode ser original. Aparece aqui uma coletânea de hipóteses, conclusões, teses, questionamentos, e também imagens, possibilidades, caminhos e saídas. Vemos uma colagem de tempos, espaços e seres.

O texto se presta tanto a uma leitura rápida, quanto a uma leitura pormenorizada, que procure entender o sentido de tantas citações e aproximações. Nada se propõe como conclusivo, algo pode parecer confuso e o leitor não é menosprezado. Há fatos-construídos-ajuntados em colcha-de-retalhos, cobrindo uma existência-paranóica-frankenstein, procurando explicar tudo por si; como um relance ou lance de dados: errando sempre. Não é possível negar um vínculo com o macramê e as costuras de fuxico, trazidas para as vitrines das lojas de um bairro rico da metrópole, como uma infeliz idealização da vida de costureiras pobres, de uma comunidade, que se fazem presentes somente como

1 DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo – comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 110.

2 NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 127 e p.129.

diferencial de roupas para a elite.

Em suma, para falar sobre deriva, nada melhor do que propor um texto em deriva.

[para não gerar mal-entendidos, para se ater às normas acadêmicas e se diferenciar um pouco do texto jornalístico, nesse texto, “anos 50” refere-se à década que vai de 1950 até 1960; “anos 60” refere-se à década que vai de 1960 até 1970; “anos 70” refere-se à década que vai de 1970 até 1980; “anos 80” refere-se à década que vai de 1980 até 1990]

b) TEMPO E ESPAÇO

O capital, há muito, significa *poder e território*. Ainda, Francis Bacon (1561-1626) já alertava “*saber é poder*”. No ocidente, a *República* de Platão e os mosteiros medievais, com suas bibliotecas seus claustros, são prova disso. Hoje, *informações digitais* são dados eletrônicos através dos quais estamos enlaçados aos Estados e às grandes corporações (como Google, Facebook, Amazon, Microsoft e Apple). Agora, voltando. Capital é *poder e território*. Espaço é território, tecido e interligado por circulações de pessoas, mercadorias e ideias, em uma dada porção de tempo. Quando dominado, o espaço oferece novas possibilidades de lucro, a partir de necessidades que são criadas, e traduzidas em compras, vendas e entradas financeiras, numa trama espiralada no tempo. Milton Santos em **Por uma economia política da cidade**, define espaço como

o resultado de uma interação permanente entre, de um lado, o trabalho acumulado, na forma de infraestruturas e máquinas que se superpõe à natureza e, de outro lado, o trabalho presente, distribuído sobre essas formas provenientes do passado (SANTOS, 2012, p.111)

A nível internacional, o colonialismo, muito presente do século XV ao XIX, foi uma procura de novos espaços e mercados, tinha-se em vista o estabelecimento de novas redes de comércio. A nível nacional e urbano, a gentrificação dos dias de hoje é uma busca, empreendida pela elite, de novas vias e localidades para exploração e desenvolvimento de mercados.

Controlar o tempo foi fundamental para o advento do capitalismo. Basta pensar em Taylor³, Ford⁴ e Smith⁵: sistematização da atividade e do tempo no trabalho; formulação da linha de montagem; concepção da relação *quanto menos tempo, mais dinheiro ganho* (pelo capitalista). Para controlar a geografia, a escrita da terra, o capital se mantém pelo controle de seres vivos, nos ambientes de circulação, fisicalidade, pausa e habitação. Os tempos de vida das pessoas são estabelecidos pelo acesso à saúde, à educação, à moradia, ao lazer, ao trabalho e à aposentadoria. Já temos praticamente um tempo de vida desenhado, conforme nossa origem social. Os percursos, a escrita e as passagens de cada pessoa envolvem escolha, poder, domínio e controle, por todos os mundos que nos habitam e com

3 Frederick W. Taylor (n. 1856 – m. 1915) foi um engenheiro, concebeu uma *Teoria Geral da Administração*.

4 Henry Ford (n. 1863 – m. 1947) foi um empreendedor e engenheiro-mecânico responsável pelo começo da produção em massa de automóveis.

5 Adam Smith (n. 1723 – m. 1790) é um teórico e defensor do liberalismo.

os quais temos contato. Nossos deslocamentos e percursos traçam linhas em mundos diversos, atravessados por espaço e tempo. Nossos momentos no tempo são presença no espaço. Tempo e espaço são grandezas polimorfas nos incertos dias de hoje, sempre intermutáveis. Existe o conceito de *pós-modernismo*, adotado por alguns intelectuais: trincheiras de algumas dessas questões virão mais adiante no texto. Indicam, noutras palavras, David Harvey em 1989 e Zygmunt Bauman em 2000:

o pós-modernismo abandona todo sentido de continuidade e memória histórica (HARVEY, 1992, p.58)

um conceito do tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, um *palimpsesto* de formas passadas superpostas umas às outras e uma *colagem* de usos correntes (Idem, p.69)

o que quer que possa acontecer dentro do templo de consumo [shopping-centers] tem pouca ou nenhuma relação com o ritmo e teor da vida diária que flui *fora dos portões* (BAUMAN, 2001, p.125)

c) MERCADORIA-ARQUITETURA E GENTRIFICAÇÃO

Os shoppings centers são o locais característicos do capitalismo, nesses tempos de hoje. A classe-média se sente segura lá, escolhe ficar alheia ao mundo num estímulo constante de marcas e produtos. No meio virtual - com anúncios, publicações, publicidade em todo lugar, imediatismo e rapidez – também se pensa estar vivenciando a praticidade e a proteção de um shopping-center, durante um tempo suspenso. O tempo das vitrines dos shopping centers não existe, porque não é percebido, passa rápido (tempo não-necessário, inútil), embora os tempos de espera por uma vaga nos estacionamento sejam gigantescos.

Em larga medida, desde a segunda década do século XIX até a primeira década do século XX, a mercadoria vai ganhando mais importância, porque circula de maneira mais rápida e ampliada; assim o capitalismo se difunde em larga medida, regendo e criando cerceamentos, e impõe unidade. A mercadoria está envolvida no planejamento de amarras e muros, moldando as relações de pessoas, que devem ser disciplinadas e se encontram divididas numa ordem de hierarquia fixa, de diferenciação social. Segundo Foucault (curso de 1975-76), esse seria o tempo da modernidade, no qual o poder disciplinar do Estado se apropria da vida. O tempo moderno pode já ter sido substituído pelo tempo pós-moderno, pelos vícios digitais e pelo trabalho home-office, quando o ser tem de ficar em estado de presença o tempo todo, mas uma presença fictícia, porque se deseja outro espaço. Quanto ao espaço e o tempo na arquitetura, citando Charles Jencks, Harvey corrobora que:

a arquitetura pós-moderna [...foi possibilitada pelas] comunicações contemporâneas [que] derrubaram as *fronteiras usuais do espaço e do tempo*, [...na intenção de] diversificar a forma espacial [...a arquitetura pós-moderna

utiliza-se] de formas urbanas dispersas, descentralizadas e desconcertadas (HARVEY, 1992, p.77)

A oposição moderno/pós-moderno não é unanimidade entre a intelectualidade. Otilia Arantes, em texto de 1992, escreve: “pós-moderno é também um nome para a modernização capitalista” (ARANTES, 2014, p.31). A cultura de massa se apropria do diferente, transformando-o em novidade e em moda. Uma sociedade desmemoriada cria lembranças, isso para sair da imersão no próprio vazio.

A arte de vanguarda imaginava desalojar o presente em nome do futuro. (...) as vanguardas foram anuladas pela institucionalização que se seguiu. (...) um tal conflito também acabou sendo aplainado na forma de administração *soft*, em que a contracultura se incorpora a um esforço de diferenciação solicitado pela nova ordem político-econômica. O novo finalmente se converte em novidade, quer dizer, moda (idem, p.25)

Habermas – discorrendo sobre arquitetura, em conferência pronunciada em 1981 –, como lembra Otilia Arantes (2014), também não enxerga uma ruptura modernismo/pós-modernismo em arquitetura. O intelectual da Escola de Frankfurt enxerga uma continuidade e uma morte no modernismo, o qual deve ser revitalizado, porque teve conceitos apropriados pelo capitalismo, e foi transformado em produto de cultura de massa. Arantes problematiza essas concepções do sociólogo alemão. O problema teórico sobre estética e funcionalidade na arquitetura tem uma certa visão generalizante e europeizante. Por exemplo, no Brasil, o Modernismo, na arquitetura, nunca se realizou por completo, e é ainda uma questão de adequação para nós. Para a autora, seria um suposto baluarte da *Razão e do Progresso*.

No Brasil, se o Modernismo, na arquitetura, teve uma realização em sentido estético (ibidem, p.108) – amplo uso de curvas de concreto armado, edificações de cartão-postal –, uma possível funcionalidade social permaneceu somente no plano utópico. As desigualdades sociais, as exclusões, a concentração de riqueza, para fazer uma lista curta, seguem deixando inviável uma arquitetura que permita uma *recomposição do tecido social*. Vivemos fragmentados (ibidem, p.115).

O capital, que se manifesta através do mercado, quer que seu poder e todo o território que controla seja mais rentável, interligado e descartável. A gentrificação entra aí, ao lado das cada vez mais aberrantes formas de exclusão social.

E a cidade se apresenta centro das ambições
Para mendigos ou ricos e outras armações
Coletivos, automóveis, motos e metrô
Trabalhadores, patrões, policiais e camelôs

A cidade não para a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce

(CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994)

Vamos nos focar num exemplo supostamente real. Para cada metrópole mundial, existe um princípio de semelhança presente, em potência ou desejado. O espaço urbano das grandes metrópoles se comporta, mundialmente, de uma maneira estupidamente homogeneizada: concentração, circulação e aparência. Em todo lugar e a toda hora existem conflitos sociais: precarização, abuso e exclusão. Em bairros decadentes, centrais ou semi-centrais, que começam a receber um público não-originário, mais endinheirado, se impõe a necessidade dos antigos moradores se mudarem para algum lugar desvalorizado. “As partes mais baixas da cidade são normalmente intocáveis, assim como as partes do corpo” (GREINER, 2010, p. 66), é uma ironia diante das concepções do *cidadão-de-bem*. Se alguém da classe-média-alta voltou de Londres, e está num café, em São Paulo, na Vila Madalena, sente uma memória espetacular de estar em um café no exterior. Isso ocorre por causa do cheiro grand-hoteleiro do croissant integral vegano de chocolate belga, por exemplo, e dos móveis de estrutura clean, dos ímãs de geladeira escritos em inglês, de um aviso otimista pró-autômato ecológico, e politicamente-correto, para levar a bandeja até o balcão.

A arquitetura predial de cafés de bairros ricos, muitas vezes, tem um histórico de desalojamento dos antigos moradores locais. O croissant, do exemplo acima, por mais que seja politicamente correto –, é uma mercadoria que, mesmo sendo *caseira-artesanal* e feita na cozinha da rede do café, marca uma diferenciação social. Ou seja, a aparência de ser simples esconde uma imagem e uma idealização de raízes familiares ou de local, traz uma ânsia por sentido de comunidade. O sentido de comunidade, acredito, é uma imagem que vende muito, hoje em dia, tornou-se uma mercadoria. O sentido de comunidade é encontrado em escritas-caminhos e em arquitetura de bairro, em memórias, mesmo que estas não existam, porque criadas.

Voltando ao croissant integral vegano de chocolate belga, por exemplo. A comida aparece como signo psicológico de segurança de elite: “estou protegido porque estou fazendo o certo pro planeta e me alimento da mesma forma que meu primo em Nova Iorque”. A bandeja levada até o balcão é marca de um serviço de sub-emprego – a presença de um trabalho sub-valorizado, e existem muitos níveis de subvalorização, “ganho um pouquinho mais, quase nada, mas um pouquinho mais, vamos manter o sorriso”. Poucos funcionários, de aparência conforme os padrões de beleza da moda, se apresentam no café e logo te perguntam “Olá, como vai?”.

Um bairro decadente pode, porventura, ter os aluguéis muito baixos, mas é central. Uma rede de centro co-working (um local físico para empresas novas, de capitalismo sustentável, eco- friendly, mas que não exergam mais além do que o próprio nariz) se estabelece no local. Esse co- working explicita o desmoronamento do Estado-de-bem-estar social, que aqui no Brasil nunca existiu, ao demonstrar que empresas não mais conseguem manter-se como empresas, mas continuam precisando simular ainda o serem e, para isso, alugam espaços temporários, que lhes garante a aparência de empresas bem sucedidas.

Uma rede de co-working, um espaço para ser alugado por empresários ou para empresas, é uma deturpação, uma apropriação da comuna, da coletividade, um tipo de organização desenvolvido na Comuna de Paris (1871), em ocupações, nos anos antes e depois de 1917, na Rússia, nas casas e escolas dos rebeldes anarquistas espanhóis de Barcelona, no entorno da Revolução Espanhola (1936-39). Essas diversas formas de ajuntamento para a realização de algo comum, no atual estágio do capitalismo, como que aparecem “revitalizadas”, em bairros anteriormente considerados “decadentes”, viabilizando um salto de padrão urbano, salto no sentido financeiro, é claro.

Depois de momentos de insurgências e de justiça social, sempre vêm períodos de maior intensificação da desigualdade perpetuada pelo capital, vamos ver o que o Comitê Invisível diz sobre a situação que se desenrolou na França, após uma década de revoltas, de 1960-1970:

o capital empreendeu uma reestruturação territorial. (...) seria, a partir da base, a partir de bases seguras e conectadas entre si, que se reconstruiria a nova organização mundial, em rede, de produção de valor. Já não se espera que “a sociedade” seja produtiva, mas os territórios, alguns, territórios (COMITÉ INVISÍVEL, 2016, p.210)

Decorre daí:

um novo rearranjo espacial do mundo. Seu desafio é a criação de clusters, espaços de inovação (idem, p.210)

Os *clusters* são geralmente mais aceitos pela elite ou por um estrato social mais próximos das elites, que se vê como politicamente correto e responsável. Na verdade, os *clusters* só dão uma apaziguada nos ânimos sociais, são como um prozac pra revoltas se construindo, que permanecem em estado de potência (os placebos existem). O capitalismo sustentável aparentemente diminui as desigualdades sociais, mas na realidade aumenta o número de marginalizados, de excluídos, de sub-empregos, e de micro e pequenas empresas. Dá-se a criação de *clusters*,

que ofereçam aos “indivíduos dotados de um forte capital social” as condições ótimas para criar, inovar empreender e, sobretudo, para colaborar – para todos os outros, lamento, a vida será um pouco mais difícil (ibidem, p.210)

Milton Santos, ao escrever sobre São Paulo, define *clusters* da seguinte forma:

agrupamentos de atividades independentes, são, também, de uma nova natureza, em que o trabalho intelectual e as relações interpessoais ganham relevo. Assim, enquanto as atividades de produção material tendem a se dispersar, esses novos terciários tendem a ser geograficamente concentrados (SANTOS, 2012, p.40)

Fazendo análises de estatísticas, o geógrafo Milton Santos define a economia de São Paulo de larga importância a nível tanto nacional (maior *poder de controle* nos *centros de comando* do país; Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo), quanto internacional (no pós-guerra, de forma igualável a Tóquio e Los Angeles, desenvolveu-se com uma rapidez

notável). A cidade é definida como metrópole transnacional e o alto fluxo de informação, além de incluir um magnetismo cultural, traz também uma forte ingerência do mercado na vida quotidiana. A necessidade de novidade traz a constância das transformações do espaço urbano, envolvendo “ciclos sucessivos de inviabilização e reaviabilização da cidade” (idem, p.46)

A *valorização de um bairro* caminha junto com a chegada de lojas, de restaurante, bares, empreendimentos culturais – galerias de *arte* que misturam salão, balada, sebo e brechó caro de roupas de marca. Faz parte de uma transferência de um conceito de urbano, vindo do estrangeiro, de uma cidade para outra do canto oposto do mundo, favorecendo mais o estilo de vida de pessoas ricas, despojadas, seguras-de-si e, no final, sem olhos para a alteridade.

d) CAPITALISMO E CRISES

Como lembra Harvey em 1989, a expansão do capitalismo sempre gera superacumulação, excesso de capital fora de circulação, levando o sistema a sucessivas crises. Em **Condição Pós- moderna** o autor defende a tese de uma separação entre uma sociedade moderna (fordista) e outra pós-moderna (neo-liberal). A gentrificação seria uma prática pra contornar uma crise do capital. Não por acaso, a Crise do Petróleo (1973) foi considerada um marco para o início de um processo de maior recrudescimento do capitalismo:

o deslocamento espacial compreende a absorção pela expansão geográfica do capital e do trabalho excedentes. Esse “reparo espacial” (...) do problema da superacumulação promove a produção de novos espaços dentro dos quais a produção capitalista possa prosseguir (por exemplo, por meio dos investimentos em infraestrutura) no crescimento do comércio e dos investimentos diretos e no teste de novas possibilidades de exploração da força de trabalho (HARVEY, 1992, p.172)

Nesse percurso, a sociedade pós-moderna – móvel, fluída e instável – funciona pela transmutação contínua. Assim, esse tipo de configuração social se opõe, em larga medida, à organização da sociedade moderna ou do período fordista, como estabelece Harvey. Segundo o autor, a época do Estado-de-bem-estar-social era caracterizada por tempos mais lentos e fixos, e espaços menos mutáveis e menos frágeis. Da mesma forma que o Estado sólido do pós-segunda- guerra desaparece a partir da década de 1970, os empregos e territórios adquirem uma fluidez e flexibilidade angustiante, abandonando toda certeza, como poeira ao vento. A certeza de futuro, de boa parte da população do planeta, não está mais em lugar nenhum.

o capitalismo está se tornando cada vez mais organizado através da dispersão, da mobilidade geográfica e das respostas flexíveis nos mercados de trabalho, nos processos de trabalho e nos mercados de consumo, tudo isso acompanhado por pesadas doses de inovação tecnológica, de produto

Essas linhas foram publicadas nos EUA em 1989, ano marcado pela queda do muro de Berlim. A sociedade de hoje está muito mais dependente da tecnologia, relações estão cada vez mais instáveis, incertas e curtas. De forma paradoxal, estamos todos indexados num gigantesco oceano virtual de dados, que são e serão úteis para mecanismos de controle do Estado neo-liberal, biopolítico e necropolítico (esses dois conceitos serão explicados a seguir), Estado subserviente do capital nacional e internacional, avalista de máquinas de guerra.

Em **Defesa da Sociedade** (1975-76) e **Nascimento da Biopolítica** (1978-79), através da análise de discurso, Foucault traça a transição, na sociedade ocidental europeia, de um registro do Estado Liberal (da disciplina, da vigilância, do panóptico, da força institucional) para o Estado Neoliberal (a mercê do mercado financeiro, de indivíduos-empresa, da velocidade, da crise da educação, da crise da saúde, da crise da moradia, da crise dos direitos trabalhistas, da exigência de renovação constante, de um individualismo extremo, de maleabilidade inveterada e agressiva), o qual oferece campo fértil para um aprofundamento do *fazer viver e deixar morrer*.

Achille Mbembe, no livro **Necropolítica** (2018) - atualizando as concepções de Michel Foucault e levando a investigação para o campo decolonial -, estabelece que, hoje, a linha do capital é *fazer morrer e deixar morrer*. Vive-se exclusão racial constante, governos sustentam um estado-de-sítio para genocídio em massa. Agora, vivendo na crise sanitária do corona-vírus, isso faz-se mais gritante, em todas as esferas da convivência em sociedade. Quem mantém o isolamento? Quem quer? Quem pode? Espaço em transporte, leitos e covas fazem parte da mesma equação? Não se deve parar de repetir que quem sofre mais é a população preta e pobre. O vírus inimigo está em toda parte, e é invisível, mas atinge, com uma violência desproporcional, os mais vulneráveis. Formam-se conluíus entre poderosos, que promovem máquinas de guerra, com tentáculos que sobem até as mais altas cúpulas das corporações transnacionais, e descem até as populações mais desfavorecidas:

o horror experimentado sob a visão da morte se transforma em satisfação quando ela ocorre com o outro. É a morte do outro, sua presença física como um cadáver, que faz o sobrevivente se sentir único. E cada inimigo morto faz aumentar o sentido de segurança do sobrevivente (MBEMBE, 2018, p.62)

De que maneira as teses de Harvey, Foucault e Mbembe se relacionam? Em poucas palavras, vivemos em um mundo neo-liberal, pós-fordista, chamado pós-moderno por alguns, e de tecnologia “avançada”. No âmbito espacial e temporal, objeto de estudo dessa pesquisa a partir da deriva, convive-se e recebe-se o impacto da gentrificação, do empobrecimento generalizado, do desalojamento, da privatização, do sucateamento da educação, do sucateamento da saúde, da exclusão digital, da elitização, da ascensão das direitas no mundo, da violência policial, do encarceramento em massa, da injustiça social,

do racismo, do sexismo, do machismo, do especismo, a lista não tem fim... Pois bem, isso tudo para dizer que deriva, gentrificação, condição pós-moderna, biopoder e necropolítica estão relacionadas.

No âmbito das cidades, a locomoção e o deslocamento não são apenas decisões de cada um, pois são sempre parte de uma estrutura de relações de poder. Vivemos sob disciplina: o andar a pé, pelas calçadas, atravessando nas faixas de pedestre; a localização espacial de estações e de linhas urbanas (transporte coletivo, ônibus ou trens); a disciplina das normas de direção, das placas e dos sinais das vias; as recomendações dos destinos e caminhos a seguir; a suposta lógica de tomar (e procurar) o melhor percurso; o evitar o espaço público (permanecer nele o menor tempo possível), atrelando a esse a pecha de local de mera passagem. Precisamos lembrar que as insurreições fazem das ruas espaços de mudança, de transformação, espaços e momentos que podem anunciar a aurora de novos tempos, de projetos coletivos para um poder mais difuso e com menos concentração de riqueza. Exemplos não faltam, e, para tomar alguns, pode-se falar do marco civil da Revolução Francesa, quando edifícios e espaços tiveram seu uso “ultrajado” (destruição e Tomada da Bastilha, Juramento da Sala do Jogo da Péla); do clima de revolta, festa e repressão nos motes de 1830 e 1848; jamais esquecer da Comuna de Paris (1871). Dos tempos mais recentes, pode-se lembrar, inclusive, da Ação Global dos Povos (Dias Globais de Ação contra o Sistema Capitalista - 2000), Primavera Árabe (2010), Occupy Wall-Street (2011), Jornadas de Junho (2013), Primavera Secundarista (2016) e Movimento dos Coletes Amarelos (2018). Tudo isso, pra dizer que a rua, o espaço coletivo, mesmo sendo transformado como um espaço de disciplina, medo e cerceamento, também pode se constituir como, espaço de descoberta, sociabilidade e liberdade.

Palavras-chave para criar novos caminhos de vida são desvirtuar, revolucionar o senso comum e demonstrar novos usos e novas formas de lidar com o mundo. Acabar com uma moral individualista, de pensamento único, de disposição somente unidirecional – acabar com uma conduta autocrática, teleológica, auto-centrada, de lógica conservadora e obsessiva – é parte de um projeto de difusão de percepções do espaço da cidade como esperança, como fomentador de novas perspectivas, de sonho. O indivíduo é coletivo e é ambiente. A vida é uma construção permanente. Os laços entre corpo e ambiente estão em (re)elaboração constante e ininterrupta no espaço-tempo da existência:

As relações entre corpo e o ambiente se dão por processos co-evolutivos, que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. Embora corpo e ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos e de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos. Mas o que importa ressaltar é a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando o observador (KATZ e GREINER, 2005, p.130)

Há uma conversa entre Katz, Greiner e Damásio, são concepções em trama, em rede:

o corpo e o cérebro participam na interação com o meio ambiente. (...) a razão pela qual têm lugar a maioria das interações com o meio ambiente deve-se ao fato de o organismo necessitar que elas ocorram a fim de manter a homeostase, ou seja, um estado de equilíbrio funcional. O organismo atua constantemente sobre o meio ambiente (no princípio foram as ações) de modo a poder propiciar as interações necessárias à sobrevivência. (...) os circuitos neurais representam o organismo continuamente, à medida que é perturbado pelos estímulos do meio ambiente físico e sociocultural, e à medida que atua sobre esse meio (DAMÁSIO, 2012, p.201-202)

Os seres-no-mundo e o mundo-como-existência não se excluem; estão em constante relação, não são sistemas nem impenetráveis (refratários) e nem díspares. Os limites são uma definição de espaço, mas não são, em nenhum aspecto, exclusão daquilo que está de um lado ou de outro, isso é, desde que não nos atenhamos a uma lógica de pensamento binário. Nessa nossa conjuntura - considerando diferenças sócio-econômicas, relações e possibilidades de escolha, de poder, privilégios, exclusão, etc. -, a luta e o conflito fazem parte do cotidiano, e a seta, a faísca e o gatilho podem vir/ir e de/para todos os lados. Nunca se sabe, até o fim do resultado de uma pesquisa, se há algum fim *unitário* ou finalidade prevista. Talvez, o *ponto final* só dependa da hipótese da qual se partiu e do que se elegeu para desenvolvê-la – e tudo isso depende de uma escolha, que tem a ver com uma limitação do espectro de uma vida reduzida a um espaço e tempo que possam ser definidos sem equívocos.

O projeto de arriscar uma reatualização – não como memória, não como farsa, não como espetáculo, mas sim como intencional cópia alterada e subversivo plágio indiscriminado – de processos de deriva propostos inicialmente (historicamente) pelos situacionistas – mas já presentes nos deslocamentos dos povos indígenas nas matas, em busca de alimentos – quer ser uma faísca, um motivo e um incentivo para tomar ou ocupar espaços urbanos públicos ou privados.

Se o homem é formado pelas circunstâncias, é importante formar circunstâncias humanas. Camaradas, o urbanismo unitário é dinâmico, quer dizer, em estreita relação com estilos de comportamento, já se interpretou bastante as paixões. Trata-se agora de encontrar outras. A nova beleza dependerá da situação. Assim como há muito tempo não podemos fazer nossa própria história, criar livremente situações, o esforço pela unidade dá origem a outras separações. (DEBORD, **Crítica da separação**, filme de 1961)

Segundo Debord, o *urbanismo unitário* mostra-se a partir da novidade, do estilo e da moda: o falso mundo das aparências. A resistência ao estado das coisas do mundo só se dá em conjunto, em esforço mútuo. Os situacionistas queriam criar situações, lampejos que tirassem e invertessem o estado ilusório e vicioso das pessoas e da cidade. Talvez, o conceito de *punctum*, de Roland Barthes (**A Câmara Clara**, publicado em 1980 na França; lembrado na revista **Corpocidade: gestos urbanos**) se aproxime das concepções de

Debord, porque é algo que afeta e desestabiliza o sujeito- ambiente, mostra fissuras e impulsos de transformação.

Esse trabalho poderia estar muito longe tanto da *situação*, quanto do *punctum*, mas isso não acontece. Greiner fala do *punctum* como “uma espécie de zona de contaminação entre dentro e fora, entre sujeito e mundo, público e privado” (2010, p.64). Na prática da escrita e da leitura há atividade social, sempre existe alguma relação entre quem lê, escreve e os vínculos estabelecidos entre os sujeitos (autores, individualidades, corpo coletivo, ambiente). Nos estímulos múltiplos entre texto, espaço urbano e *deriva* se apresentam resultados em quem faz, vê e participa. Um *registro* de deriva pode ter um alcance maior do que a *deriva* em si, porém isso não é regra, não pode ser reduzido a fórmulas quantitativas ou qualitativas. Mesmo que um *mapa de deriva* possa ser, por suposta lógica, mais difundido no público, atingir mais pessoas interessadas nessa prática, certamente será menos vital e presente do que uma deriva na sua realidade material e física.

A deriva é uma ida às ruas, uma ocupação de um ambiente urbano e um restabelecimento da vida autêntica. Quanto à ocupação do espaço na cidade – sujeito, arquitetura, ruas, praças e avenidas – uma das primeiras revoltas urbanas do período da Primeira República, aqui no Brasil, foi a Revolta da Vacina. A tensão estava muito presente no ar, as razões da insurreição não partiram necessariamente de uma lógica racional, estratégica e fundamentada.

e) A REVOLTA DA VACINA E A CRISE URBANA DO RIO DE JANEIRO

As reformas do prefeito Pereira Passos, na Rio de Janeiro no entorno dos anos da Revolta da Vacina (1904), fizeram algo que hoje se chamaria *gentrificação*. Tomando como modelo as mudanças urbanas de Paris, feitas por Haussmann (nos anos que antecederam a Comuna de Paris, acendendo os ânimos dos populares), Pereira Passos quis fazer também uma *revitalização* do centro, deixando espaço para a elite carioca passear nos parques com seus cachorros, por exemplo. Conduziu a chamada política do *bota-abaixo*, destruindo moradias populares, casebres e cortiços, obrigando os moradores desses espaços a se transferir para os morros, dando início às favelas. Foi responsável pela construção de largas avenidas e ruas, para permitir um controle disciplinar das autoridades sobre os corpos no espaço, policiamento, repressão aos assaltos, impossibilitando protestos, rodas de samba (proibidas, inclusive, e associadas a um conceito de negritude extremamente excludente) e impedir a construção de barricadas. As barricadas seriam uma interrupção do fluxo, um bloqueio da circulação tanto de mercadorias, como de pessoas. Nicolau Sevcenko escreveu o livro **A Revolta da Vacina** no início da década de oitenta, a primeira publicação foi em 1983. Com uma esperança bem claudicante, “mal chegado aos trinta anos, cheio de indignação” (Posfácio à edição de 2010, incluído na edição de 2018, p.121), Sevcenko vivia um período de descrença política, crise social e medo do fascismo.

Nada muito diferente dos dias de hoje, quando a ida às ruas é, ao mesmo tempo, desejo e proibição, uma necessidade social, de recusa inclusive.

f) A CIDADE MODERNA, QUAIS SÃO NOSSOS CORPOS REBELDES?

O corpo da revolta é indisciplinado, subversivo, altivo e desobediente. Tem motivos e se coloca em atividade. A São Paulo⁶ de **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter** (ANDRADE, 2017) - herói de nossa gente - é somente um amontoado confuso, pedaço de um universo visto por Mário de Andrade - da prosa aparentemente descompromissada, com uma leveza malina de trama traçada. Terras brasileiras são percorridas numa rapidez de geografia psicológica e inconsciente, de afetos, numa cultura de fuga e perseguição, de abandono e flerte com brincadeiras. Na comercialização paulista, brota revólver, bala e whisky de coqueiro, e 'os polícia' falam outra língua (são outros seres, incomunicáveis). Um livro de encontros e desencontros, de embate de linguagens e corpos que não se contêm, que se manifestam de forma abrupta, numa ludicidade bonita. Cria-se um estranhamento, questionando-se a maneira regradada e normatizada de olharmos pro mundo. Quem é o Outro indígena? E se nós, do urbano, fôssemos o Outro? O Chianti é um cauim famoso. Nessa maneira questionadora e disponível, encontrada pelos participantes de um ambiente comum e coletivizado (vivo no conflito constante), num todo-metrópole - feita de elencos de gigantescos de termos, listas de palavras da cidade e da mata -, aprende-se a nomear e perceber a realidade de formas Outras. Surgem novos olhares, novas percepções, novas concepções de presença. As máquinas de São Paulo são bichos, têm vida própria. E *mata*, de substantivo, vira verbo, "não tinha deus não e que com a máquina ninguém brinca porque ela mata (...) os homens é que mandavam na Máquina (...) os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens" (idem, pp.49- 51). Existe muita metamorfose no livro, um corpo que não é estável, e se adapta àquilo que a realidade oferece e pede. O carrapato Zlezlegue vira chave yale (ibidem, p.54), por exemplo.

Na "Carta pras Icamiabas", Macunaíma pede dinheiro às *amazonas* brasileiras. Elas são protetoras das matas, das quais o herói é imperador. São Paulo é corpo e pulsa, *cortada* por ruas, que são *artérias*, onde *não cabe a população*. Cidade doente, assim, "mil e uma espécimens de vorazes macróbios, que dizimam a população" (ibidem, p.98), Macunaíma também adoece repetidas vezes no livro. *Macunaíma* foi escrito em 1926. Alguns anos antes da publicação do livro, São Paulo foi tomada por greves operárias em 1907, de 1917 até 1920; as reivindicações das operárias (em sua maioria mulheres e crianças) eram, primeiramente, redução da jornada de trabalho para oito horas diárias, melhorias nos salários e benefícios, e abolição do trabalho infantil.

São os paulistas gente ardida e avalentoadada, e muito afeita às agruras da guerra. Vivem em combates singulares e colectivos, todos armados da

6 Considerando a cidade num *período moderno*, refazendo-se à divisão teórico-histórica de David Harvey.

cabeça aos pés. Assim assas numerosos são os distúrbios por cá, em que, não raro, tombam na arena de luta, centenas de milhares de heróis, chamados bandeirantes. (...) São Paulo está dotada de mui aguerrida e vultuosa Polícia, que habita palácios brancos de custosa engenharia (ibidem, p.100).

Os *bandeirantes* são os primeiros imigrantes europeus no Brasil, no caso, portugueses. Pode-se arriscar dizer que, considerando a metrópole paulista do início do século XX, dado que os imigrantes eram em sua maioria italianos, estes são assemelhados aos *bandeirantes* por Macunaíma na carta formal-administrativa às Icamíabas? Seria uma forma de metáfora da *identidade* nacional? Os italianos constituíam boa parcela da população paulista e eram maioria nas fábricas. Seriam estes os imigrantes os *desbravadores* do século XXI, da industrialização brasileira? Tal hipótese pode basear-se num trecho, mais à frente no texto,

quando o numerário dessa Polícia avulta, são os homens enviados para as rechãs longínquas e menos férteis da pátria, para serem devorados por súcias de gigantes antropófagos, que infestam nossa geografia, na inglória tarefa de ruir por terra Governos honestos; e de pleno gosto e assentimento geral da população, como se descrimina das urnas e dos ágapes governamentais. Esses mazorqueiros pegam nos polícias, assam-nos e comem-nos ao jeito alemão; e as ossadas caídas na terra maninha são excelente adubo dos cafezais (ibidem, p.100)

As Greves Operárias de 1907 e 1917, em São Paulo, foram muito reprimidas pela polícia. Outras revoltas da República Velha, Canudos e Contestado, também foram muito reprimidas por esse braço do Estado. *Súcias* (devoradoras no texto) significam assembleia, bando e festa. A revolta é uma festa, envolve organização e criminalização dos envolvidos. Macunaíma, aqui, é irônico, e se apresenta na pele de douto e bom-menino. Prefere manter os ânimos corretos e bem comportados. Quanto ao governo e às urnas, é importante lembrar que pessoas libertas da escravidão, pretas, pobres, sem auxílio, mulheres e muito operários imigrantes não tinham título de eleitor. Então, Macunaíma faz piada em dizer que o governo é honesto e representativo. Agora, os boatos corriam, como esse dos policiais que serviriam de adubo nos cafezais (onde italianos e japoneses trabalhavam, majoritariamente).

Ainda em terras brasileiras, em um tempo-espaco mais próximo de nós - e também sob um viés radical e subversivo -, podem-se encontrar práticas de deriva na vida-arte de Renato Cohen, como propõe Ana Goldenstein Carvalhaes:

Suas propostas [de Renato Cohen] muitas vezes eram entendidas como *travessias*, e as viagens, como experiência de estranhamento. Procurava o "deslocamento do percurso ordinário, habitual, para amplificação da consciência, recepção dos fenômenos e vivência de experiência de maior substancialidade" [COHEN, **Work in Progress na Cena Contemporânea**, p. 61, apud CARVALHAES]. Isso o levou à construção de uma "cena do deslocamento", carregada de improvisos, de processos derivativos, permeados pela poiesis. Trazia ao mesmo tempo, o bizarro, a aproximação de opostos, a "cena irracional", o elemento falho que, pela via transversa,

revela. Um movimento cético e quase anarquista: “A cena do *Zeitgeist* contemporâneo quer, antes de um mero ‘desmanche’ dadaísta, a busca de parasentidos, de paralogismos, cumprindo o enunciado surrealista de supra-realidades, procurando sentidos e significações que extrapolem a verossimilhança conhecida” [idem, p. 7, apud CARVALHAES] (CARVALHAES, 2012, p.37)

Próximo de Macunaíma - dessa mesma forma-transposição vital, numa cosmologia universal interconectada -, que desconhece e rompe fronteiras inúteis, o processo de liberdade no deslocamento no corpo-consciência de Renato Cohen está historicamente a par, também, da verve dos movimento anti-globalização, esse sentido do tempo da virada do milênio. Foi o período quando se acreditava noutras realidades possíveis, um mundo dentro de outros mundos, agir localmente e pensar globalmente; voltaram os coletivos autogeridos, tendo em vista uma autonomia global, que fosse forte, resistente e dialética contra as imposições e as explorações do capitalismo. Nessa explosão do desejo, no múltiplo torvelinho estelar desse estado de ambiente, com essa energia no ar, esse magnetismo entre pessoas se fazia presente na obra de Renato Cohen, no olhar terreno, e presente, para redes entre sujeitos, personas, práticas; na busca errática de deslocamentos e vivências que inviabilizassem barreiras entre conhecimentos e entre arte e vida. A travessia⁷ é conjunta, fluída e travessa, é de descobertas de cada um no caos coletivo da existência.

g) RESISTÊNCIA, A CIDADE QUE NÃO SE CURVA

A racionalização do autoritarismo urbano coloca não só um desafio, mas uma exigência de insurreição. Aparentemente surgidos como levantes desconexos, movimentos insurrecionais de esquerda do século XXI sempre fizeram amplo uso das ferramentas tecnológicas, no mínimo como possibilidade de comunicação rápida. O desvio da ordem imposta vem dos corpos que não se curvam ao exigido, desobedientes.

O Comitê Invisível diz que, depois do início do movimento anti-globalização (na virada no milênio), a resistência não será só local, não se reconhecerá só como atuante local. É sempre local e global. Corpos e espaços existindo e resistindo no local e no global. O Comitê Invisível enxerga, com múltiplos exemplos dos anos próximos de 2010, um caráter de insurgência mundial, ligado por fios invisíveis, como uma constelação da rebeldia. Temos agora, como exemplo, o **Black Lives Matter**, que levou milhões de pessoas às ruas globalmente, mesmo em tempos de crise sanitária, e os atos **Fora Bolsonaro**. Podemos lembrar também o **Me Too**, fortíssima e necessária retomada mundial do feminismo nas ruas.

A luta por poder é a luta pelo domínio de tempo, espaço e corpos. Agora, mais do que nunca, a necessidade de quarentena e isolamento social trouxe um inesperado uso

⁷ CARVALHAES, 2012, p. 87. “A travessia pode ser entendida (...) como uma disposição ao permanente vir-a- ser, ao devir”.

contínuo da tecnologia em rede de internet. Agora, a polícia não é mais o único agente de vigilância e controle. Dados digitais são armazenados por milhões de empresas, sabe-se que essas informações chegam ao governo, de uma forma ou outra. Os arquivos de dados dos governos e das grandes corporações têm existência oculta e não acessível, em geral. Todavia, onde há poder, sempre haverá resistência.

O corpo insurgente tem a presença de si no ambiente e do ambiente em si. Aberto a todos os estímulos - imediatos, secundários e reflexivos - tem a rebeldia de ser indefinível, anônimo, insubmisso, imprestável (desinteressante para ser vigiado) e subversivo. Ri da perfeição, porque o imperfeito é social e nunca está completo. O corpo insurgente, por não aceitar o status quo, descobre novas formas de ser e de agir. Recusa as coisas como elas são. É individual, coletivo e espacial. Anda e conspira em grupo, em ato, em manifestação, solitário ou em deriva. Seus passos, mesmo quando planejados, são incertos, inesperados e exatos, confirmam sem abatimento a paixão e o impulso para ser a mudança do presente sufocante, disciplinador e totalitário.

Coletivos, indivíduos e movimentos sociais, poderiam utilizar ferramentas de improvisação, ou treinamento das artes da cena (dança-teatro, dança, teatro, performance), para construir um corpo disposto e em prontidão, com a finalidade de, por exemplo, confrontar a polícia e se proteger dela em manifestações – estar alerta e prever ações da repressão do Estado ou da Segurança Privada, evitar espacialmente e temporalmente prisões, spray de pimenta ou gás lacrimogêneo. Para subverter o cotidiano capitalista de forma lúdica e sarcástica, e/ou também para se opor a situações de violência (pública ou doméstica) questionando as relações formais e informais de poder, poderiam ser utilizadas ferramentas da performance-teatro (lembrando das experimentações de Augusto Boal no Teatro do Oprimido ou Teatro Invisível).

Com técnicas de improvisação, treinando um estado de atenção e de presença, se consegue criar calma, consciência e criatividade para lidar com a ansiedade, as intuições e os avisos de todos nós para resolver problemas de forma rápida, duradoura e a longo prazo. Abaixo, um programa possível de treinamento – uma atividade como hipótese, num campo imaginativo, sonhador e idealizado, de brigadas armadas de esquerda, ou também num centro de formação de uma célula Black Bloc:

- aquecimentos com jogos teatrais no início dos encontros: ocorrerão práticas para ativar os
- corpos, as percepções e a consciência de grupo;
- delimitação da cena (do espaço), decisão, consentimento, reconhecimento, consenso;
- estabelecidas as diferenças entre “saída para o espaço” e “saída do espaço”, “fuga” e “abandono”;
- procurar diferenciar escutar/ouvir, ver/assistir/olhar;

- ter consciência do olhar profundo, olhar cônico, olhar atento com alcance pequeno, médio, amplo;
- acordos para solo, duo, trio e mais;
- construção de composição no espaço;
- pausa, fluxo, níveis;
- relação: condução, contraposição, acordo, consentimento;
- estabelecimento de constelações: pessoas, objetos e ambiente;
- constituição de papéis em cena, foco, ponto de mudança, tensão, clímax, atrator, ponto-sem- volta.

h) IMAGENS: HÁ FRONTEIRAS ENTRE O REAL E O VIRTUAL?

Vemos uma paisagem e vemos uma pessoa nessa paisagem e a pessoa e a paisagem são sempre diferentes, a cada momento, ainda que acreditemos, e nesse erro temos a coragem de continuar existindo, que tudo continue sempre igual (...) Somos crescidos, renunciando a nós mesmos de pouco em pouco, permanecemos os mesmos, ficamos diferentes.⁸

Escritos de Roithamer, em **Correção** (2013, p.624)

Debord, Harvey e Baudrillard (apud HARVEY, 1992) concordam que, a partir das três últimas décadas do século XX, as imagens passaram a ocupar o mesmo plano das mercadorias. Com o desenvolvimento da sociedade de consumo, a maciça presença da propaganda, a difusão dos meios de comunicação e de transporte (carro, ônibus, trem, metrô, rádio, TV, telefone...), bem como com a proliferação de produtos industrializados e moda dos mais diversos estilos, as imagens e os estímulos visuais começaram a tomar boa parte do nosso cotidiano. Com certeza, a realidade midiaticizada é mais forte nos centros urbanos e mais escassa na medida da distância dos grandes centros. O instantâneo, o fugaz e a extrema rapidez já foram normatizados em todas as metrópoles do mundo. David Harvey diz que

o investimento na construção da imagem (...) se torna tão importante quanto o investimento em novas fábricas e maquinário. A imagem serve para estabelecer uma identidade no mercado, o que se aplica também ao mercado de trabalho (1992, p.260)

Guy Debord, nos anos 60, já havia identificado que se vivia numa *sociedade do espetáculo*: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens” (1997, p.14).

Escrevendo sobre o entretenimento promovido pelos poderosos, Étienne de La

8 Tradução nossa da versão de italiana: BERNHARD, Thomas. **Correzione**. Torino: Giulio Einaudi editore, 2013, p.624 (ebook ISBN 9788858426746, em www.einaudi.it): “(...) *Vediamo un paesaggio e vediamo una persona in questo paesaggio e la persona e il paesaggio sono sempre diversi, in ogni momento, sebbene crediamo, e in questo errore abbiamo il coraggio di continuare a esistere, che tutto sia sempre uguale (...) Siamo cresciuti, rinunciando a noi stessi a poco a poco, siamo rimasti uguali, siamo diventati diversi*”.

Boétie lembra, em 1549:

Os teatros, os jogos, as farsas, os espetáculos, os gladiadores, os animais exóticos, as medalhas, os quadros e outras drogas afins eram, para os povos antigos, as iscas da servidão, o preço de sua liberdade, os instrumentos da tirania. Os antigos tiranos dispunham desse meio, dessa prática, dessas tentações para entorpecer suas vítimas sob jugo. (LA BOÉTIE, 2017, p.60)

Para Debord, assim como assinala Harvey, a circulação (compra e venda) de imagens assumiu um caráter industrial, envolvendo cada menor parte de nossas vidas. Os estilos de vida, a vestimenta e as atitudes se tornaram produto, com uma existência efêmera e volátil, onde tanto o espaço, quanto o tempo não são mais entrave para o capital, que, para suprir a demanda de lucro e não cair nas crises de superacumulação, precisou investir largamente no campo de consumo imagético,

O movimento de banalização que, sob a diversão furta-cor do espetáculo, domina mundialmente a sociedade moderna, domina-a também em cada ponto em que o consumo desenvolvido das mercadorias multiplicou na aparência os papéis e os objetos a escolher. (DEBORD, 1997, p.39)

Essa *banalização* generalizada, presente em todos os aspectos da vida, perpassa nossa noção de tempo e espaço. Conforme compõe Otília Arantes (2014, p.78) em outras palavras, os deslocamentos no espaço podem receber um tom áurico, uma importância de valor e sentido estético, atraindo nossa atenção incondicional. A contemplação demorada da arquitetura de um prédio num passeio turístico⁹ nos coloca em uma atitude contemplativa, pessoas paralisadas frente a algo que não possa ser superado, diante de instâncias físicas além de nosso ser. Beleza, forma, utilidade e uso caminham juntas? Quais são as direções possíveis de ação no mundo?

A modernidade caduca e as vanguardas mercadológicas perdem a validade muito rápido, nesse mundo capitalista onde a novidade é meta devoradora: “a própria insatisfação tornou-se mercadoria” (DEBORD, 1997, p.40). Na sociedade do espetáculo, o espaço sempre deve ser constantemente reatualizado para comercializar a sempre nova mercadoria como espetáculo: “o consumidor real torna-se consumidor de ilusões” (idem, p.33). A alegria de mudança de casa, a apreensão por uma mudança de gestão, a ansiedade por uma inauguração de filial, a gentrificação presente são indícios de um espaço espetacular. “Até agora, a cidade só pôde ser o terreno de batalha da liberdade histórica, e não o lugar em que essa liberdade se realizou” (ibidem, p.116). No processo de deriva, um caminhar como jogo, com regras específicas inenarráveis e próprias, mas não herméticas, se busca um prazer de existir num espaço urbano, imersos em sinais, símbolos

9 DEBORD, 1997, tese 168, p. 112: “Subproduto da circulação de mercadorias, o turismo, circulação humana considerada como consumo, resume-se fundamentalmente no lazer de ir ver o que se tornou banal. O planejamento econômico da frequência de lugares diferentes já é em si a garantia de sua equivalência. A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, lhe retirou também a realidade do espaço.” O mais torturante é que hoje, com o suposto encurtamento da comunicação por meio de satélites e redes sociais, testemunha-se a própria recorrente morte matada da sociedade no *ir e vir ver*. As notícias aparecem na rede, a vida só é consentida na internet. Registros, escrachos, denúncias, perseguições e averiguações são digitais. Deslocamentos quotidianos, são com scroll, hiperlinks e feed.

e informações. Não se busca homogeneidade, mas se buscam desvios, contradições, a companhia da dialética, conflito e luta. O fluxo nunca será novidade. O movimento não é o mesmo. “Não é uma negação do estilo, mas o estilo da negação” (ibidem, p.132). O tempo não se arrasta em São Paulo.

Contabilizando dados até 1991, do então último censo, Milton Santos confirma a extrema importância dos fluxos em São Paulo. Acompanhados pelo autor na observação de estatísticas, vemos os números da cidade, comparados aos outros centros urbanos brasileiros, sempre maiores e mais presentes: mais indústria cultural, mais pesquisas acadêmicas, mais publicações, mais presença publicitária, mais correspondências, mais mensagens telegráficas, mais minutos taxados no tráfego do telex internacional, mais chamadas completas no tráfego telefônico internacional, mais venda de passagens aéreas. Dados de 30 anos atrás, é bom sublinhar.

Dizem-nos que os meios de comunicação, aperfeiçoando-se, aproximam os seres humanos cada vez mais, novas formas de diálogo surgem e se extinguem. “A cultura é o lugar de busca da unidade perdida. Nessa busca da unidade, a cultura como esfera separada é obrigada a negar a si própria” (DEBORD, 1997, p.120). Vivemos numa *sociedade do espetáculo*; e o espetáculo nada mais é do que uma mercadoria (uma ilusão), não percebida até mesmo quando se escreve sobre alienação. A internet traz, ao usuário, a aparência de ubiquidade, onisciência e atemporalidade. Garante uma resolução sensata, permite um acerto de contas, oferece complexidade, assegura uma verdade, mostra um razoável acordo entre diferenças co-existent. Nas redes sociais, se agradece, se demonstra confiança, assertividade, empatia, aproximação, acordo e consideração com *clicks* e *emoticons*. Tudo muito rápido, urgente e quantitativo. Quando compartilhar não é trocar vivências, histórias, experiências quotidianas, mas sim replicar informações digitais (às vezes, infundadas) à distância, em uma aparente (fictícia, ilusória, espetacular) proximidade corporal, social e física; quando o mundo nas telas é mais sedutor, limpo, seguro, acessível, democrático e independente; vemos a vida por um cone, com exatidão, segurança e hiperdefinição.

Tudo que temos em comum é a ilusão de estarmos juntos. É verdade que existe o esboço de uma vida coletiva autêntica em estado latente no próprio seio da ilusão – não existe ilusão sem uma base na realidade – mas a comunidade verdadeira ainda está para ser criada. Pode acontecer que a força da mentira apague da consciência dos homens a dura realidade do seu isolamento. Pode acontecer que esqueçamos que numa rua animada existem sofrimentos e separações (VANEIGEM, 2002, p.45)

Raul Vaneigem, escreve aqui sobre a falsa-vida, em sua aparência de coletividade. Esse isolamento, descrito por essas palavras, é facilmente transposto para os dias de hoje de Facebook e Instagram. Entretanto, para viver nesse mundo, é impossível negar a praticidade e necessidade da internet. Os benefícios do mundo dos computadores existem, mas é sempre necessário ter alguma sombra de desconfiança e não tomar dados virtuais

por realidade. Anne Cauquelin (2011) arrisca a possibilidade de reconhecer os trâmites – escreve a respeito das artes visuais (em tempos de avatares do *Second Life*) – entre o virtual e o real porque, apesar das críticas, já estão muito interligados.

Falamos de bordas e fronteiras. Os cones são utilizados pra delimitar espaços de baliza na escola de direção, para separar vias ou obras e também para impedir passagem. Se enxergarmos o mundo por um cone temos um impedimento de visão, uma obsessão. É muito otimista sonhar ou imaginar uma sociedade sem amarras, sem linhas e sem fronteiras; mesmo um círculo social sem conflitos é impossível (sendo até meio duvidoso). O cone pode ficar orgânico e virar lágrima, é certaíra. Lágrimas que não geram culpa, não impõem, fazem um mar e dão passagem.

pisou em falso e, num instante, tchibum! estava com água salgada até o queixo. A primeira ideia que lhe ocorreu foi que, de alguma maneira, caíra no mar, 'e nesse caso posso voltar de trem', disse de si para si. (Alice tinha estado à beira-mar uma vez na vida, e chegara à conclusão geral de que, onde quer que se vá no litoral da Inglaterra, encontram-se uma porção de máquinas de banho no mar, algumas crianças escavando a areia com pás de madeira, uma fileira de hospedarias e, atrás delas, uma estação ferroviária.) Contudo, logo se deu conta de que estava na lagoa de lágrimas que chorara quando tinha quase três metros (CARROL, 2009, p.28)

Em **Aventuras de Alice no país das maravilhas**, Alice cresce e diminui várias vezes, nunca adequada ao espaço circundante, sempre imaginando estratégias para seguir em frente e encontrar o caminho de volta pra casa. Alice é sempre curiosa, disposta e aberta a novidades, é o modelo de sujeito ideal para uma deriva, sem ingenuidade, mas com entusiasmo pelo mundo. Para sair da lagoa de lágrimas, nada até a margem com o Camundongo, “um Pato e um Dodô, um Papagaio e uma Aguieta, e várias outras criaturas curiosas” (idem, p.32). Incrivelmente, Alice, nesse trecho, preconiza as inferências de Debord sobre o turismo-mercadoria, comercializado por meio de imagens, parte integrante da sociedade do espetáculo.

Para Debord, antevendo o universo viciante das redes sociais, “[o fetichismo da mercadoria] se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência” (1997, tese 36, p.28). Não é difícil associar essas palavras ao navegar pelo Instagram ou Facebook. Com a vida fora das telas, sem certificações do próprio cotidiano, é difícil sobreviver à própria falta de vínculos, bem como à defasagem de maneiras de se portar socialmente, e ao desacordo impaciente e intolerante. É como se quantidades de confirmações e aceitações oferecessem um afago maior para a garantia da disseminação de um narcisismo, responsável pela separação social; mesmo que não almejemos um acordo interpessoal geral (disseminado e homogêneo), as disputas bem que poderiam se fazer valer mais em pele-a-pele, pelo-a-pelo, voz-a-voz, tiração-de-dado, *ai ferri corti*, do que através de aparelhagem à distância. Temos *a ilusão do encontro*:

“numa sociedade em que ninguém consegue ser reconhecido pelos outros, cada indivíduo torna-se incapaz de reconhecer sua própria realidade” (idem, tese 217, p.140).

Na tese 206, Debord atenta ao *estilo insurrecional* do jovem Marx, quando, indo na alteração de Filosofia da Miséria (Proudhon), chega com Miséria da Filosofia (Marx). A partir daí, nos dias de hoje, bem depois da Crise do Petróleo (1973), pode-se usar o termo *Espetáculo da Sociedade*, em vez de *Sociedade do Espetáculo*. Isso porque se em 1967 as pessoas se deparavam com uma vida enfraquecida e negada pelo espetáculo, hoje é o espetáculo que cria a vida; não sabemos mais a medida do sobreviver e do subsistir, a quantidade de pessoas abaixo da linha de pobreza extrema aumenta cada vez mais. O viver não importa, nem existir mais aguenta; qual a utilidade de uma vida sem quantidade de seguidores ou amigos virtuais? A única memória válida é quando a criamos, imaginamos, falseamos, compramos e repetimos. Sessão reprise e flashback não são os únicos meios de criar uma nostalgia do passado, o que vale é o histórico das redes sociais a ser fiscalizado, repostado, consultado ou garantido.

Como perdemos a memória, nem sabemos se ela jamais existiu ou se foi criada; nada permanece, além de memórias individuais e imaginações forçadas. Na tese 17, Debord escreve sobre a degradação da sociedade, frente ao desenvolvimento da mercadoria tornada espetáculo, do ser, para o ter e, por fim, para o parecer. Se, no final dos anos 60, ele já falava do primado da aparência, não sei o que ele diria hoje. O *espetáculo da sociedade* garante que não há mais a *autenticidade* na *aparência*. Não há autenticidade. Não há matriz. De tudo, são só aparências e impressões. Não há nada além de camadas, somos cebolas sem fim. Como um VPN (Virtual Private Network), somos sem origem, eternos refugiados, desterritorializados, difamados, temos IP vagante, somos intratáveis, inconciliáveis, irreconhecíveis e não-localizáveis. Obras consagradas da ficção-científica da segunda metade do século XX definiram um universo onde o real e o virtual (tecnológico), o corporal e o incorporeal (também o incorporado), têm uma co-dependência; por vezes, em um amálgama horizontal; por vezes, com uma hierarquia-conflito de poder, por um planejamento de futuro; por vezes, por supressão de existência; respectivamente, em **Neuromancer** (W. Gibson), **Blade Runner** (P. K. Dick), **Admirável Mundo Novo** (A. Huxley) e **1984** (G. Orwell) lemos sobre ligações muito presentes entre real-virtual¹⁰.

Parecendo aparecer não é o mesmo de aparecendo parecer. Quando se quer

10 Gibson: “Ela nos imaginou numa relação simbiótica com as las, nossas decisões corporativas tomadas por nós. Nossas decisões conscientes, eu deveria dizer. A Tessier-Ash-pool seria imortal, uma colméia, cada um de nós unidades de algo maior. Fascinante. (...)” (p. 267); Dick: “Você entende, não é, que isso pode dar errado de algum jeito. Se você não conseguir pegar todos os robôs humanóides, não teremos ferramenta analítica confiável e nunca encontraremos os que já estão foragidos. Se você avaliar um humano e o identificar como andróide...” (...)” (p. 52); Huxley: “(...) ‘Nós condicionamos as massas a detestarem o campo – disse o Diretor, em conclusão –, mas, simultaneamente, as condicionamos a adorarem todos os esportes ao ar livre. Ao mesmo tempo, providenciamos para que todos os esportes ao ar livre exijam o emprego de aparelhos complicados. De modo que elas consumam artigos manufaturados, assim como transporte. Daí esses choques elétricos.’ (...)” (p. 43); Orwell: “(...) No topo da pirâmide está o Grande Irmão. (...) Ninguém jamais viu o Grande Irmão. Ele é um rosto nos cartazes, uma voz na teletela. (...) O Grande Irmão é o disfarce escolhido pelo Partido para mostrar-se ao mundo. Sua função é atuar como ponto focal do amor, medo e reverência, emoções mais facilmente sentidas por um indivíduo do que por uma organização.” (p. 245).

permanecer na aparência – na superfície veloz, alheia às camadas que mantém distante e protegida uma vida desejada ou supostamente sonhada – se mantém a equivalência “*sempre aparecendo parecer ou parecendo aparecer*”. Tomando gato por lebre, qualquer caminho será inexistente, infundável, sem resultado e inútil. *Parecendo aparecer* é a aparência das políticas identitárias que, vestindo uma capa do politicamente correto, muitas vezes somente querem tirar proveito espetacular disso, mais mercado, mais votos, mais comércio e mais imagem.

Não é plausível ser contra políticas identitárias, nada disso, mas é necessário perceber a criação de aparências que invertem e mascaram a violência histórica contra as minorias e, por exemplo, a indevida exploração criminosa das pessoas escravizadas. Quando foi colocado um suposto fim à escravidão no Brasil, tratou-se o caso como um evento de extinção. Os senhores e a sociedade lavaram as mãos, quase não se falou mais no passado escravocrata, e ainda, nunca houve uma efetiva reparação social. Logo, *parecendo aparecer* é a falsa imagem de participação social das ditas *minorias*, na qual a única coisa que vem à tona é um jogo cruel envolvendo competição, agrado, meritocracia e apaziguamento; ou seja, a manutenção de um estado de ordem e suposta calma. *Aparecendo parecer* lembra o ditado: *quem é vivo sempre aparece*. Ao passo que algo surge, quando algo é denudado, como o rei da história, toda denúncia, todo escândalo é invalidado, se faz vista grossa, não se protesta, tudo é esquecido e não se fala mais nisso. O *aparecendo parecer* é como a Lei Áurea, que supostamente colocou fim à escravidão, entretanto, em vez disso, os negros continuaram na camada mais excluída da sociedade. Aqui, entra o *espetáculo de sociedade*, fundada numa aparência e escondendo toda sua natureza infectada num passado inexistente. O vírus é o capitalismo. Aqui se faz, aqui se apaga. Aparecendo perecer. Quem é responsável por mortes de pobres pelo corona vírus, morte de pretos pobres, causadas por policiais? Mortes aparecem e fica por isso mesmo. Parecem perecer. Nunca se sabe.

Um jogo de linguagem como esse mantém o indivíduo recalcado, distante, retrógrado, reflexivo, num movimento diafragmático de respiração curta e contida, ansiosa e de músculos enrijecidos. A dissidência criminosa e subversiva está inoculada em todas as classes sociais. Não só numa pandemia, pela circulação de um vírus, alguns *sentem menos* e outros são abatidos como *res* em período inflacionário. Alguns são tratados como coisa e outros fazem vista grossa.

i) PROPOSTAS – DERIVA – ARMAÇÃO

A grandeza da arte só começa a aparecer no ocaso da vida. (DEBORD, 1997, p.123)

Há pessoas a quem não debes dar a mão, mas apenas a pata: e desejo que tua pata também tenha garras. / Mas o pior inimigo que podes encontrar será

sempre tu mesmo; espreitas a ti mesmo nas cavernas e florestas. / Ó solitário, tu percorres o caminho para ti mesmo! E teu caminho passa diante de ti mesmo e dos teus sete demônios! / Herege serás para ti mesmo, e feiticeira, vidente, tolo, ímpio e malvado. / Tens de querer queimar em tua própria chama: como te renovarias, se antes não te tornasses cinzas? (NIETZSCHE, 2011, p.62)

Pode-se dizer que reviver a prática da *deriva* não seja como uma atualização de uma suposta vanguarda, transformada hoje em rótulo. A apropriação das insurreições pelo capital nunca é completa, jamais será. É preciso acreditar que sempre há uma escapatória. Render-se jamais. Nunca há repetição, porque tempo e espaço se transformam. O *espetáculo da sociedade* coloca a repetição como papel social¹¹ (VANEIGEM, escreve em 1967), cujo dote de existência-negativa (em falta, exigindo mudança), por meio de uma índole de imitação doentia, pede um afastamento do quotidiano, numa ética de moda de mercado: reelaborações de modismos criam algo novo, podendo ser risível, irônico, ridículo ou irreverente. Tanto escolas-de-samba quanto estilistas famosos reaproveitam materiais do último desfile. Existem velhos aprendizados, como aquele do dois e três são cinco (conceito que parte do mesmo projeto da consciência do desejo e do desejo da consciência¹²). Pode parecer óbvio, mas deveras reaproveitável.

A comunicação entre seres humanos poderia estar pedida há muito tempo, se não fosse a persistência irrecuperável de conspiradores, cientes ou não-cientes disso, vivos ou mortos. Resta saber se algum atestado, consensual ou não, existe em círculos rebeldes, como comprovação da eficácia da criação de redes insurrecionais. Valendo-se do pressuposto de que vivemos a partir de batalhas perdidas, há mundos inteiros de possibilidades a serem criados; isso, para continuar projetos revolucionários, tendo em vista uma vida mais prazerosa para todes, não somente suportável e jamais insuportável. Um viver que não seja somente existir. Um viver que não seja nem sobreviver e nem sofrer. Uma rede contém várias redes, uma luta, várias lutas. Filósofos existencialistas caracterizaram uma separação do indivíduo com a realidade do mundo de diversas maneiras: *desespero*, *angústia*, *absurdo* ou *náusea* (respectivamente, Kierkegaard, Heidegger, Camus e Sartre). Eles não viveram a multiplicidade da co-dependência do real-virtual dos dias de hoje, além de qualquer moral ou julgamento de valor.

Seria estupidamente desnecessário um relato tanto do medo nas ruas, quanto do entusiasmo de uma co-presença lúdica num ambiente multiforme. A Londres de Raban (em **Soft City**) é mais um cenário espetacular pra viajantes *yuppies*; tudo é ameno,

11 VANEIGEM, Raoul, 2002; “O papel é um consumo de poder. Ele aloca o indivíduo na hierarquia da representação, consequentemente no espetáculo: no alto, em baixo, no meio, mas nunca fora da hierarquia, seja alguém ou além. O papel é assim o meio de acesso ao mecanismo cultural: uma forma de iniciação. Ele é também a moeda de troca do sacrifício individual. Como tal, exerce uma função compensatória. Resíduo da separação, esforça-se por fim em criar uma unidade comportamental: como tal, apela à identificação. (p. 143, 144) [o papel] não tem presente, nem passado, nem futuro porque ele é um tempo de pose, e, por assim dizer, uma pausa no tempo: tempo comprimido no espaço-tempo dissociado que é o espaço do poder (p. 145)”.

12 DEBORD, Guy, 1997, tese 53, p.35: “A consciência do desejo e o desejo da consciência são o mesmo projeto que, sob a forma negativa, quer a abolição das classes, isto é, que os trabalhadores tenham a posse direta de todos os momentos de sua atividade. Seu contrário é a sociedade do espetáculo, na qual a mercadoria contempla a si mesma no mundo que ela criou”.

neutralizado, tendendo ao inócuo; mesmo o crime é metabolizado, aparecendo como um tempero eventual. Todavia, o cotidiano traz múltiplas vozes, sinais, signos, significados, linguagens, formas variadas, as mais diversas utilizações e vidas aparentemente únicas ou isoladas. Uma perspectiva de complexidade sem contradições é totalmente inviável. Se o ambiente público traz exclusividade, como privilégio ou disparador do prazer, algo está errado. E ainda mais: uma vida urbana não pode se restringir nem a opostos isolados (bom/mau, certo/errado), nem a uma diversão acéfala e despreocupada, nem ao utilitarismo do cidadão de bem, nem ao dever responsável e nem a uma necessidade imposta do trabalho capitalista. É preciso continuar acreditando nisso e impedir que essas palavras sejam uma retórica vazia, livre de contradições e visão de conjunto. Ainda há tempo para escolher a vida que queremos viver, temos nossa chance e podemos ainda reconhecer as causas de nossos problemas.

As ruas podem ser igualadas a campos minados, porque vivemos na luta de classes, com violência policial, violação dos direitos humanos, atos, protestos e perseguições sociais, a lista é imensa. Variados tipos de sinais em edificações e em seres humanos carregam significados, construídos socialmente ou criados de forma quase invisível, de uma maneira inconsciente a partir da relação entre indivíduos e seu meio. Uma *deriva* enquanto *armação* só pode ser uma ironia, uma piada, um plágio deslavado, querendo reatualizar uma prática datada, que pode ter sido falível e seria inviável nos dias de hoje. *Armação* significa construção (naval, inclusive), embuste, engodo, armadilha (como uma mina num terreno de guerra). Não existe sabedoria em repetir táticas de revolta já estabelecidas, já conhecidas, e já apropriadas pelo sistema capitalista. Aquilo que puder ser mais plausível, deve ser levado em frente, de fato, algo que já contivesse, abertamente, o germe de sua própria destruição, como uma mina ou uma bomba relógio. Escapar pela tangente, abrindo-se à ação ninja e ao universo do TAO, porque tudo aquilo que existe, não-existe, e tudo aquilo que não-existe existe. Completude ou incompletude são apenas pontos de vista que contêm seu próprio estado, ou seja, é além da dialética, porque a equação tem e não-tem resultado. Isso não é relativismo.

Como já se diz, as realizações revolucionárias não devem ser repetidas como táticas de prosseguimento, mas devem servir para criação de novas estratégias. Por mais que o sistema capitalista se alimente de novidades, todos os erros são bem-vindos. Nós queremos entortar os trilhos. A novidade não é um empecilho insuperável e não existe retroalimentação justa ou aceitável. A novidade, por ser casual, não pode ter os resultados controlados. Basta tentar, considerando que a tentação e a não-ação não sejam escolhas passivas. Toda vanguarda moderna, do começo do século XX, ou pós-vanguarda (uma atualização da vanguarda, *underground*, *udigrudi*), mais cedo ou mais tarde, vira linha-mestra cultural, ou um pós-moderno senso-comum (ou *pop*, ou *um mais vendido*, ou *main-stream*). Não se saberá se isso acontece por preguiça dos envolvidos, pelo cinismo ou pelo derrotismo. Talvez o impulso revolucionário real, e não somente fetiche, hoje se esconda

para não ser capturado (e apropriado pelo capitalismo), reapareceria num momento mais propício, que pode já ser esse. Tudo é tramado muito além de memes engraçadinhos, usados com certeza como iscas ou armas digitais.

j) CIDADE: MULTIFORME E INDEFINÍVEL OU COMPREENDIDA E INESCAPÁVEL?

Debord na tese 189 de **A Sociedade do Espetáculo**, coloca o interesse, do século XX, pelo barroco como uma *recolção de lembranças* da história da arte, como suposta resistência à lógica burguesa racional (digamos: excludente) do clássico e neoclássico. O barroco é visto hoje, em todo lugar, como uma reconstrução do passado sem fazer juízo de valor e utilidade; esse juízo retrógrado é proposto por uma elite centrada no consumo. Debord remete o barroco, inefável e radical, à festa e ao teatro, de um passado não reconhecido. A estética barroca não pode ser contida, porque não se presta a tanto, não descansa, vai, não permanece. Para o *fim do mundo da arte*, manifestação clara do capitalismo-espetacular, pode-se fazer uso de uma estética barroca que, com a definida *recolção de lembranças*, deglute tudo o que houve de mais prometededor e mais radical na história da arte, para tentar reestabelecer liames de uma comunicação perdida e impossibilitada entre seres humanos, vivendo em meio às contradições do mundo. A sonorização dos filmes de Debord é feita com a voz do autor e também com música erudita do período barroco.

Jeanne Marie Gagnebin, em artigo presente na revista **Corpocidade: gestos urbanos** (2017, p. 33), lembra da presença da alegoria em Walter Benjamin, nos escritos *Rua de mão única* e *Passagens*. Um emaranhado de sinais, constituindo-se em camadas por *palimpsesto*, se sobrepõem no ambiente urbano. Cabe ao observador interpretá-los e reinterpretá-los; os conflitos estão presentes e necessários (uma recolocação de tempo, de memórias, de histórias), tanto Benjamin, quanto Debord são apaixonados pelo drama barroco, num aspecto da figuração ou marca de um mundo em constante ebulição. Raban escreve, de uma maneira muito mais branda - como quem não se envolve - da presença de significados e símbolos no espaço urbano, onde cada classe, grupo ou tribo urbana, atribui as explicações mais diversas a códigos de gesto e conduta, bem como a posses e vestuário. Num apanhado geral, estamos à espreita, capturados, alvo, como caçadores, sedutores, presas, violadores, vítimas e anônimos na rua, também no meio virtual.

Luther Blissett, no livro **Q**¹³, tece um romance-thriller-histórico envolvendo criminalidade, clandestinidade, assassinato, traição, revolta, espionagem, anonimato e muito mais coisas. Tudo se passa na época das revoltas protestantes, no século XVII, ou seja, no período barroco, e pensa-se em acúmulo, estratos e camadas. É certo que essa escolha de ambientação veio pelo fato de que Luther Blissett fosse um nome-múltiplo¹⁴ de co-autores ligados à cultura subversiva (hoje chamam-se Wu-Ming), vem da Itália,

¹³ Esse livro NÃO se relaciona de forma alguma com as ideias dos conspiracionistas de direita do QAnon.

¹⁴ Pseudônimo de uso coletivo, talvez como Homero, Hesíodo, numa prática correspondente aos anônimos medievais.

de Bolonha (importante centro universitário, um dos primeiros da Europa); de certo, devem muito ao situacionismo e ao pensamento de Guy Debord. O livro começa com as revoltas dos anabatistas e com a resistência ao cerco da comunidade campestre; tanto ao exército imperial, quanto às investidas de grupos ligados a Martinho Lutero. O personagem principal do livro circula por várias localidades da Europa e, assim como o traçoeiro Q, é um inominável:

Essa casa é sua? / Minha e de qualquer um que esteja ferrado / (...) Tava em cima de um teto e vi tudo. Pela primeira vez os imperiais se foderam / (...) Acabei por acaso naquele bordel e pode me chamar como quiser. / Quem não tem um nome pode ter tido pelo menos cem – um sorriso estranho, - ...e uma história que vale a pena ouvir / Quem disse que tenho vontade de contar pra alguém? / Ri e consente: Se tudo aquilo que você tem são os trapos que leva, poderia aceitar minha grana em troca de uma boa história (BLISSETT, 2014, p.148)¹⁵

O nome e o nomear dizem muito a respeito de nossa posição no mundo, da maneira como lidamos com o ambiente - como conhecemos as coisas, aquilo que significam para nós – e das pessoas à nossa volta. O anonimato já foi e é usado como meio e ferramenta de segurança e proteção, tanto por rebeldes (no caso do grupo de hacker *Anonymous*, por exemplo), quanto por braços da repressão (como policiais sem tarja de identificação). Numa cidade tomada por câmeras, numa virtualidade de imane coleta de dados, a invisibilidade na multidão, da época de Baudelaire ou Benjamin, é impossível, e é inviável contar com ela.

Santaella comenta Poster (1990):

o modo multidirecional da troca de informação, característico de nossa era, coloca em questão a natureza mesma da subjetividade na sua relação com o mundo dos objetos, sua perspectiva e localização no mundo. O sujeito não está mais localizado em um espaço/tempo estáveis, em um ponto de vista fixo a partir do qual calcula racionalmente suas opções (SANTAELLA, 2003, p.214)

Santaella, mais à frente no texto, enxerga a cibercultura e a ciberarte como campos potentes para lidar com nosso mundo fluido, instável, perecível e interligado; descentralizado e multicentralizado. Nesse trecho citado, mesmo que não vejamos a refutação completa do sujeito, faz-se presente o conceito de indeterminação. O nome-múltiplo – Wu Ming, Luther Blissett e muitos outros – fazem jus a esse modo de ser e não-ser, estar e não-estar, no mundo. Com histórico próprio de pesquisa, Katz e Greiner levam e trazem essas percepções

15 Tradução nossa da versão original italiana. BLISSETT, Luther. Q. Torino: Einaudi, 2014, p.148: "(...) - È casa tua questa?

Mia e di chiunque si trovi nei guai, (...) - Ero in cima a un tetto e ho visto tutto. Per una volta gli imperiali se lo sono preso nel culo. (...)

Ci sono finito per caso in mezzo al bordello e puoi chiamarmi come ti pare.

Chi non ha un nome può averne avuti almeno cento, - un sorriso strano, - e una storia che vale la pena di essere ascoltata.

Chi ti dice che abbia voglia di raccontarla a qualcuno?

Ride e annuisce: - Se tutto quello che hai sono gli stracci che porti, potresti accettare i miei soldi in cambio di una buona storia." (p. 148)

e considerações ao corpo (corpo-mente-ambiente); numa quebra dos paradigmas da razão, de Descartes, do sujeito, do indivíduo ocidental e muitos outros.

K) CORPORALIDADE VIRTUAL OU VIRTUALIDADE CORPORAL?

Conforme a Teoria Corpomídia (KATZ e GREINER), a tecnologia tem uma relação contínua com o corpo. Assim, o ambiente virtual - com seus sujeitos-virtuais (perfis, personas, pseudônimos eletrônicos) - tem trocas constantes com o ambiente cotidiano-real e seus sujeitos de corpo físico¹⁶. Escreve Helena Katz, “as trocas de um corpo (humano) com outro corpo (o da máquina) são trocas com transformação, e o que lhe parece ser apenas exterior (os equipamentos), se ‘carnificam’ em corpo” (2015, p.246). Existe, a pesquisadora lembra, uma plasticidade cerebral, os neurônios são vivos, perdem e formam ligações. Os aplicativos eletrônicos têm uma interface pré-moldada para fins específicos, mas isso não impede alguma forma de *mutualismo* entre humano e máquina.

Do mesmo modo que é possível pesquisa e experimentação corporal num aquecimento para uma aula de dança, é possível também um uso não programado (não esperado pelos programadores) de um aplicativo. Encontrar frestas onde aparentemente elas não existem, é uma das possibilidades da arte. Muitas vezes, para encontrar um uso *outro* para a tecnologia, não é nem necessário conhecimento de programação, só um pouco de criatividade. Basta lembrar os inúmeros artistas que fizeram um uso experimental e radical das tecnologias presentes nos anos 80, quando essas aparelhagens se popularizaram um pouco. Nem sempre são necessários meios eletrônicos caros; desde sempre já se faz muita exploração da falha, do erro e do defeito na produção da tecnologia, ao ponto do *glitch*¹⁷ ter virado filtro e moda; transformado-se numa imagem pronta, num espetáculo vendável.

Fadados a lidar com as máquinas, estamos conformados ou esperançosos. É certo que não há mais volta, os *ludditas*¹⁸ estão vivos só no passado e o *anarcoprimitivismo*¹⁹

16 Aqui se abre um espectro, ou campo, amplo de investigações. Fala-se de *realidade virtual* como contraponto à *realidade cotidiana* ou *presencial*. O *mundo digital* não está em um espaço, ou *cyberespaço*, distinto da realidade *quotidiana* ou *presencial*. Pode-se até mesmo colocar em discussão o termo *presencial* frente à informática; ainda mais nos tempo de crise-sanitária, devida ao corona-vírus. Nesse texto, não iremos entrar no universo de considerações dos conceitos de Realidade, Ser ou Existência. A causa primeira, o princípio gerador ou a substância acenderam debates fundantes na filosofia, desde os pré-socráticos (conclusões sobre a substância originária do mundo) até Baudrillard (os simulacra, a inapreensibilidade do real), por exemplo. Partimos do ponto de vista de que seria impossível sair do real; o irreal é um termo pertencente à realidade; até mesmo o inconsciente, através dos sonhos (por exemplo), chega em *parte* à consciência, mas só temos a apreensão dele naquilo revelado a nós em estado de vigília ou sobriedade. Um surto- psicótico têm uma corporeidade de presença também, mesmo que num âmbito do incontrolável, mas possível de ser estudado e analisado. Nos movemos por camadas de realidade, vínculos e fluxos que se desfazem e refazem.

17 Glitch é uma falha ou erro no sistema de reprodução de imagens; é o equivalente de bug (pane em computadores). Foi muito usado, por necessidade e precariedade, pelos artistas de videoarte nos anos 80, com antecedentes nos filmes de Andy Warhol; hoje em dia, é também produzido eletronicamente através de filtros prontos; configurações de tratamento de imagens já pré-moldadas.

18 Os ludditas eram operários ingleses que, sob o pseudônimo coletivo Ned Ludd, destruíam máquinas de fábricas no início do século XIX.

19 Corrente anarquista que, com base em escritos de Henry David Thoreau (Walden, 1854), dentre outros, rejeita o uso da tecnologia e promove um estilo de vida alheio à vida urbana.

é motivo de piada na esquerda. É possível buscar maneiras de uso da tecnologia sem que a máquina tome conta de nossas vidas, mas que favoreça novas relações, ligações, hiperlinks entre ambientes e seres humanos

Em **Distúrbio Eletrônico**, publicado em 1994, e lançado no Brasil em 2001, o coletivo hacker Critical Art Ensemble propõe uma teoria (uma “aposta” segundo eles) para subversão da sociedade capitalista, através do uso da tecnologia. Essa iniciativa digital de desobediência civil seria levada a cabo por grupos pequenos, de, no máximo, oito pessoas, os quais, segundo eles, teriam muito mais força contra o *status quo* do que uma grande organização de trabalhadores. Apesar de, em quase todo o livro, defenderem o primado do virtual em relação à vida cotidiana, trazem pontos interessantes, quando colocam a ação recombinate – estabelecimento de ligações e redes entre todas as áreas do conhecimento e da vida – como forma de resistência ao poder nômade da elite, que, através de um domínio de dados de indivíduos, estabelece um controle social mantendo-se segura numa *casamata*, numa fortificação inalcançável. Em alguns momentos citam a concepção de *espetáculo* situacionista, porém só voltada à área dos meios de comunicação, apesar dos escritos de Debord, Vaneigem e outras pessoas. Critical Art Ensemble defende muito a primazia da liberdade do indivíduo, e uma leitura menos atenta de seus escritos poderia ver uma certa visão neoliberal aí, mas ideias de recombinação, hipertexto, ampla difusão das informações e plágio utópico colocam o texto como marca de um otimismo social, quando a internet dava seus primeiros passos. No último capítulo lemos prognósticos pavorosos quanto ao futuro, ironicamente, eles acertaram: 3º setor inchado, vício na tecnologia (muita absorção e pouca produção), enormes bancos de dados, vigilância indiscriminada... mas apesar disso tudo, existe um incentivo à resistência hacker, vista como única forma viável de revolta.

Num otimismo resistente, de um nomadismo non-sense²⁰, a resistência hacker através das redes não teve início só nos países de língua inglesa. Em 1999, na cidade de Bolonha, Itália, Luther Blissett surgia nos meios da contracultura, popularizando-se através do texto digital **Mind Invaders**²¹. O uso mais popular dos computadores dava os primeiros passos. Era uma época de retomada das ruas com os movimentos Anti-Globalização, da Ação Global do Povos e do Fórum Social Mundial. Havia muita esperança circulando no ar globalmente, acreditava-se nos benefícios da internet, de um mundo interligado para o combate contra poderosos e grandes corporações. Em Seattle, Genova e São Paulo, por exemplo, as manifestações eram de solidariedade, sociabilidade, festa, e houve muita repressão.

20 Com raízes nas vanguardas modernistas do começo do século XX, mais especificamente no dadaísmo.

21 Colocado nas redes, em italiano, não antes de 1995. A data precisa não foi encontrada.

I) CAMPOS DE AÇÃO-SIGNIFICADO

Tratando das possibilidades epistemológicas da não separação entre sujeito-objeto e entre eu-outro, Christine Greiner enuncia que “ser marginal é muito mais do que uma localização, mas sim, um modo de perceber e sentir na carne a vida e a morte” (2010, p.31). Jacques Derrida (2018) - comentando Martin Heidegger (**Ser e tempo**, 1927) - escreve sobre a presença da morte aqui, para os vivos. Não sabemos qual é o espaço (estado, tempo e localização) da morte, mas sim o significado da morte em nós, para os vivos; temos a percepção e a ideia da fronteira, mas não podemos dizer nada daquilo que está além, porque não temos a possibilidade de delimitação do domínio da morte, mesmo enquanto realidade possível, inesperada e inevitável. A morte é, para nós, a aporia, o indizível, impensável e intraduzível; poderia ser considerado o Outro, mas não existe diferencial insuperável entre o ser do cotidiano e a morte; a morte existe para todas as pessoas. O limiar e a fronteira são a realidade transponível e incerta, o território onde não há uma proibição de chegada, enquanto uma espera do inevitável e do indesejado. Ou seja, a partir do que coloca Greiner, pode-se dizer que, entre vida e morte, há uma não-localização, é um sentimento de angústia do estranhamento, que procura definição.

Greiner, ao falar de pós-estruturalismo, lembra o conceito de *desterritorialização*, que não é somente um deslocamento – um estranhamento, um distanciamento de um lugar de origem -, mas também a exclusão do estrangeiro, do abjeto, pois envolve uma concepção, um projeto, do estabelecimento de separações. Pode também ser a necessidade e o impulso de estabelecer novos vínculos e possibilidades, percebendo a forte relação entre corpo-mente-ambiente, tomando contato com essa experiência, no viver do vórtice da vida (talvez em uma deriva);

O reconhecimento de que o significado está enraizado na experiência corporal implica ainda reconhecer que tanto a capacidade imaginativa como a conceitual são dependentes dos processos sensoriomotores. Por isso o que se costuma chamar de razão não é nem uma coisa concreta nem abstrata, mas processos encarnados através dos quais nossas experiências são exploradas, criticadas e transformadas em questões (GREINER, 2010, p.90)

Nesse trecho, Greiner mostra como mente/corpo não podem ser considerados numa dicotomia, como faz Descartes. Nosso modo de agir e de afetar-se com o mundo é um fluxo entre ação-entendimento e reformulação de nova ação, aprendizagens constantes (construção de significados), numa interação a partir de neurônios-espelho, reproduzindo comportamentos de semelhantes, numa eterna construção de rede social; “A vida humana poderia ser entendida como a arte de dar significado a nossas experiências corporais” (idem, p.92). A forte relação entre corpo e ambiente pode ser percebida e confirmada seja na fenomenologia de Merleau-Ponty (n. 1908 – m. 1961), seja no erotismo de Bataille (n. 1897 – m. 1962);

Todos os meus deslocamentos por princípio figuram num canto da minha

paisagem, são transladados no mapa do visível. Tudo o que vejo por princípio está a meu alcance, pelo menos ao alcance do meu olhar, assinalado no mapa do 'eu posso'. Cada um dos dois mapas é completo. O mundo visível e o mundo dos meus projetos-motores são parte do mesmo Ser (MERLEAU-PONTY, 1969, p.34)

Aqui, Merleau-Ponty tece uma rede percebida através do olhar entre seres e ambiente. O *meu* mapa só existe através da paisagem visível, onde são vistos outros seres ao alcance dos olhos. Não existe diferenciação nem entre o mapa-sujeito e o mapa-objeto; nem entre planos e realidade- imediata. Aí, a imaginação está sempre presente na re-criação do pintor (pode ser tentada uma aproximação da realização de registros e mapas psicogeográficos), no gestar de novas realidades; pode-se chegar, através da confirmação e inferência, a partir da presença do olhar, ao *Ser* (talvez conceito em diálogo com Heidegger);

Nós somos o composto de alma e corpo; (...) [o espaço] não o vejo segundo o seu invólucro exterior, vivo-o por dentro, estou englobado nêle. Afinal de contas, o mundo está em torno de mim, e não diante de mim (idem, pp.75-76)

Nossa experiência não é única, individual, sempre estamos em relação com o espaço. Georges Bataille também fala em um universo amplo, que engloba, seres, espaço, corpo, mente, ambiente, objetos vistos, sentidos, imaginados e inanimados;

os olhos abertos sobre a Via Láctea, estranho rombo de esperma astral e de urina celeste cavado na caixa craniana das constelações; aquela fenda aberta no topo do céu, aparentemente formada por vapores de amoníaco brilhando na imensidão (...) refletia no infinito as imagens simétricas de um ovo, de um olho furado ou do meu crânio deslumbrado, aderido à pedra (BATAILLE, 2003, pp.57-58)

Esse trecho é do livro **História do Olho** (1928), escrito por Bataille a pedido de seu psicanalista, para elaborar também traumas familiares. É um texto de erotismo violento e surreal, absurdo e catártico. Há texto e metáforas que ignoram o dentro e o fora, o mental e o corporal, o físico e o metafísico, o que é meu e o que é seu, onde estou e onde estamos, adequação ao ambiente e inadequação; ovos quebrados com o cu (a clara é o branco dos olhos, a gema a pupila), ovos chupados, nádegas, olhos vazios, vazados, furados, arrancados, ovos mijados, fixados com olhos esbugalhados, eróticos, lascivos, colhões nus, lua em atmosfera de pavor, globo ocular, o sol que cega, olho atravessado por chifre de touro, colhão cortado, sangrando, na vulva. Essa relação em rede psicológica, atemporal, onírica e desgovernada, mostra uma liberdade ao mesmo tempo ingênua e cruel, uma paixão sem limites morais. Existe algo que dilacera, atravessa, desaprisiona, mostra a completa possibilidade da ausência de limites, entre corpo-mente-ambiente.

Certamente, conversando também com Merleau-Ponty e Bataille, Helena Katz enuncia: “A Teoria Corpomídia propõe a inexistência do corpo fora da cultura, corpo e ambiente se codeterminam” (2010, p.127).

A escrita de Bataille e Merleau-Ponty – expondo uma relação constante entre corpo-

mente- ambiente – guarda alguma sintonia com a Teoria Corpomídia, no que diz respeito ao fluxo, embora não enunciem a mesma compreensão do que seja o corpo.

Não há nada que esteja em um pensamento que não tenha estado também no sistema sensório-motor do corpo. Ou seja, quem dá início ao processo de comunicação é o movimento (...) o modo como pensamos e agimos, o que experimentamos e o que fazemos em nosso cotidiano, tudo isso está sempre corporificado (...) raciocinar, perceber e funcionar motoramente passam a estar profundamente ligados. A razão passa a ser tratada na perspectiva do movimento, ou seja corporificada (KATZ, 2010, pp.127-128)

Todavia, cabe sublinhar que o entendimento de corpo em Merleau-Ponty e Bataille não é o de corpomídia, que não lida com o corpo como um meio pelo qual as informações chegam, são processadas e, depois, expressas. Na Teoria Corpomídia, o corpo é mídia de si mesmo, conta o que está acontecendo no momento em que está acontecendo. A relação corpo-ambiente é a de 'corpar'.

Sendo o corpo e a realidade frutos sempre provisórios das trocas permanentes que fazem, os nomeares sobre o corpo se ajustam e se desajustam em relação aos contextos que vão sendo produzidos nessa relação, ao longo do tempo (KATZ 2010, p.129)

m) A REVOLUÇÃO QUE VIRÁ (FRENTE AO TRIUNFO DA TÉCNICA)

A revolução, dizia, é como aqueles baralhos para jogo onde rei, rainha, valetes estão cortados ao meio, um aberto e o outro fechado, virados pra cima e para baixo, de frente e de trás, você gira e gira de novo mas não muda porra nenhuma, o rei que está se mostrando vai junto daquele escondido, que é como se o fodesse o maligno, como se lá de baixo dissesse 'Sou você que vai se estrear! Goza até quando puder, porque o mundo irá de pernas pro ar! (...)

A revolução, dizia, é um carnaval mais prolongado do que o normal, que se delonga até entrar na quaresma, na ressurreição, tudo mais Wu Ming (WU MING, 2015, p.554)

Além de tudo, é pouco provável que iniciativas individuais de deriva possam conter faíscas de revolução. Para além de uma prática (ainda que sugestiva e excêntrica) de sujeito-objeto-ambiente, certamente contendo as variáveis espaço-tempo, considerando uma busca de si no meio, é preciso dar importância aos mundos, às pessoas, às naturezas, aos bichos, às tentativas, aos erros, às buscas, às revoltas invisíveis, às resistências inesperadas, aos impulsos não considerados e a todas as lutas de vida.

A tecnologia nos desobedece. Nossos dados estão sendo colhidos e processados por inteligência artificial. É capaz que, num futuro não muito distante, as máquinas passem a nos dominar, se é que já não o fazem, com toda sua sedução e seu vício. No romance **Frankenstein**²², o *dæmon*, ao qual o cientista Victor Frankenstein deu vida, é o primeiro

22 SHELLEY, Mary. **Frankenstein: ou o Prometeu moderno**. São Paulo: Excelsior, 2019.

autômato que conhecemos; transforma-se em máquina de guerra, um assassino com, também, crises existenciais. É formado por costuras de partes biológicas, junções, linhas e cruzamentos. Mary Shelley, a autora do livro, marca o início da literatura de terror, não esconde uma descrença na ciência e uma percepção da natureza como uma existência indomável, potência superior ao ser humano. A tecnologia-científica se desenvolve junto da morte. A metralhadora, precursora da manivela, foi primeiramente testada nas colônias pelos países do eixo europeu. As metralhadoras são uma junção de padrões de círculo, canos de disparo e linhas por onde entram as balas; funcionam com uma costura de tiros (máquina de tecelagem); substituem soldados e matam. Os *bugs* (como, por exemplo, o chamado *bug do milênio*) nos obrigam a tomar decisões e iniciativas (antecipando a exclusão e o aniquilamento), mesmo que, ironicamente, as máquinas foram inventadas por nós.

Essas linhas acima, inspiradas pelo filme **As you see** (1986), de Harun Farocki, também se debatem com a acidez da convicção do diretor (e não hipótese!) de que a percepção do desenho das órbitas dos planetas veio depois da invenção do torno manual. Não sabemos quais verdades ou certezas doem mais. É muito provável que nossa maneira de pensar e ver o mundo biológico se devam às máquinas e à técnica, é muito provável.

Fazemos fotos por nossos dispositivos celulares; é muito interessante esse nome (*celular*), inclusive. O celular é uma célula carregada fora do corpo. Está sempre presente em nossas vidas. Em disparo fotográfico, plasmamos uma imagem e ela só adquire sentido, de maneira geral, numa publicação em rede social. No Instagram, são propostas imagens, selfies, fotos, edições, são registros do corpo-ambiente. Nossa intenção se condensa, é exposta e tornada pública. As publicações digitais são um projeto coletivo para ver melhor o nosso mundo, e viver nele. Isso pode parecer infundado ou exagerado, mas nós somos corpo-ambiente-digital. Agora, em plena crise sanitária, não há como negar nossa dependência dos computadores. É insensato fazer uma distinção entre virtualidade e corporalidade. Não podemos dividir nossa vida em juízos-de-valor. Mais adiante, no texto, retomaremos essas discussões. Não é preciso ser pessimista para se certificar que vivemos num mundo sem volta.

A ditadura das máquinas faz prender por ficha cadastral (histórico nos cartões perfurados dos teares, que formam padrões corretos de direcionamento regular e exigido, além das capacidades do humano) na encruzilhada (durante o movimento do deslocamento por automóvel por esquinas), por cruzamento de dados de informática e de bancos de dados restritos às autoridades governamentais. Somos cartas marcadas, propensos à investigação, à perseguição e à morte. É impossível ser anônimo na sociedade da informação, no mundo pós-fordista, no mundo pós-moderno.

Já se sabe, por artigos de jornal, que o COVID-19 (COVID-1984) veio a partir de uma indiscriminada intervenção do humano no mundo ambiente, ao qual pertence. Até onde se conhecem os limites e as consequências de nossas ações? Trump e, a criatura,

Bolsonaro culpam a China e a Coréia do Norte como o Outro, aquele com o qual não nos reconhecemos, para garantir nossa identidade. Nosso pior inimigo está dentro de nós, e queremos negá-lo e atribuí-lo a outrem.

A tecnologia nos domina, nos subjugua, faz traçado de nossas ações e oferece campo aberto (ou fechado) para nossa publicidade, praticidade e o borramento público/privado. Não existem mais fronteiras no mundo digital?

Gilberto Gil – tocando numa época de fé-esperança na internet, num suposto lar querido da liberdade da informação, crença educativa – canta:

Eu quero entrar na rede/
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut²³

É visto e esperado um mundo de possibilidades; *tietes* são cliques de curtidas; veio a época dos programas de inclusão digital²⁴, iniciados já no primeiro governo Lula²⁵. A extinção da rebeldia é algo impossível - onde há poder, sempre haverá resistências - resta saber quais são os campos de ação, intervenção, subversão e inversão num mundo de código binário, e saber qual será o tempo e o anúncio de um levante, com certeza, tramado pela internet.

n) DERIVA-ARMAÇÃO: RELATO CORPO-DE-DELITO #1

Perto dos bares da rua Aspicuelta, havia notável aglomeração de pessoas, mesmo em época de crise sanitária. Pessoas bebiam cerveja cara sem máscara, assim podiam fumar cigarro importado, possivelmente. Mesmo que as mesinhas estivessem em local aberto e bem ventilado, indivíduos, em grupo, colocavam a saúde de si e das outras gentes em risco. A mesma coisa ocorria, não só dentro, mas fora do bar também. Amontoando-se nas calçadas e na guia, impediam a passagem de qualquer estranho à comemoração mortífera. Ao enfrentar a turba, era impossível ficar sempre a 1,5m de distância.

(abaixo, está a transcrição em parte eletrônica, mediante identificador de voz, da carta-digital enviada através de mensagem, foi respondida de forma sucinta, ocorreram alterações do texto, será feita uma nova tentativa)

Sarah Gulik, Zkymicx Project retomou a prática de deriva-armação. O evento aconteceu hoje. O processo durou cerca de uma hora, das sete da noite até as oito e quinze. A guia de percurso foi um mapa de Porto, por onde foi decidido (previamente) o

²³ *Pela internet*, canção de Gilberto Gil lançada em 14 de dezembro de 1996, em transmissão remota na sede da Embratel, no Rio de Janeiro, sendo o primeiro show brasileiro transmitido virtualmente. É digno de nota a referência de Gil a *Pelo Telefone*, de Donga, primeiro registro fonográfico de samba (fonte: <https://genius.com/Gilberto-gil-pela-internet-lyrics>).

²⁴ <https://vermelho.org.br/2006/09/19/governo-lula-inovou-nas-aco-es-de-inclusao-digital/>

²⁵ De 1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2007

trajeto, fazendo uso de caneta bic- preta, utilizada seguindo uma percepção de espaço-tempo, premeditado do acaso ao caos. Utilizar o mapa de uma cidade portuguesa para se guiar por São Paulo foi uma espécie de ironia histórica por querer se locomover na colônia mediante práticas, gostos, pressupostos, ideias e ideais da Metrópole. Vestindo-se de estrangeiro nunca seremos bem recebidos, o acolhimento é sempre raro nos dias de hoje. Nos declaramos com interesse fugidio, afetivo e amedrontado a um bocado de gente pela rua, parada numa encruzilhada com bares. A maioria das pessoas mantinha o porte das máscaras conforme o mau-uso das mesmas. Sério Sarah Gulik, Zkymicx Project correu um sério risco de vida ao sair pra rua no sábado à noite, comprovado inútil e exagerado, porque sobrevivemos.

É um horário que traz tanto as gentes em busca de pândega, quanto as pessoas trabalhadoras, por consequência/interesse/necessidade mútua/o. As áreas da cidade são ecologias, ambientes e ecossistemas, relacionados, mas com existência à parte, como se fossem outro ambiente. Em toda grande metrópole existe segregação espacial. A Vila Madalena tem fama de ser um bairro de artistas, de uma classe média de esquerda; já o foi, mas hoje concentra moradores, em sua maioria, de classe alta e média-alta. Esse público privilegiado só se mantém no próprio pedestal com uma massa de trabalhadoras e trabalhadores, em sua maioria subempregada e mal paga, clientela de um consumo de segunda ordem, provindo de empresas menores, muitas vezes constituindo-se como produto inferior, equivalente de um superior.

Acontece a você de anotar coisas e depois se esquecer do porque? “A concentração urbana resulta no aparecimento ilimitado de necessidades [...] da mesma forma que a concentração industrial resulta em uma produção sempre crescente de bens”. Já leu isso em algum lugar? Um espaço de elite mantém muitos serventes numa área de lazer e consumo, basta pensar na/o frentista, na garçonete/garçom, na/o flanelinha, na/o cozinheiro, na/o hostess ou na/o caixa, etc..

Quem sofre mais com uma contaminação pelo corona vírus são os menos privilegiados. Produtos alcoólicos precisam responder a uma demanda, sempre originada pela mesma produção desses itens. É a construção do desejo na ótica do consumo. O produto não responde a uma necessidade, mas é o inverso; a necessidade é criada por um novo produto no mercado. Guy Debord nos lembra dessa questão.

A oferta de produtos para uma classe favorecida acompanha a valorização/desvalorização de uma certa área da cidade. Áreas afamadas pela mídia, pelo mercado, pela internacionalização e pela transformação espacial podem servir de palco para turistas estrangeiros, lojas, produtos e/ou escritórios. Sarah Gulik, se isso a diverte, é uma espécie de repetição viciada na prática de fixação obsessiva e causa-consequência da clientela cativa em bares caros da região. Antes, em nossos tempos juvenis (você lembra?), fazíamos deriva mesmo, indo de bar em bar, caminhando em busca de uma cerveja mais barata, sempre empunhando um corote sabor frutas vermelhas. Ficávamos bêbadas

com uma bebida de baixa categoria, coisa secundária e necessária para estudantes sem dinheiro, numa noite que não prometia nada. Era uma necessidade criada em nós, quando pensávamos que somente queríamos liberdade.

Pelas minhas percepções, no dia da deriva-armação do Zkymicx Project, havia muita gente trabalhando para os seres que rompiam as recomendações da OMS. Por outro lado, posso estar fazendo uma mitificação da classe trabalhadora, mas presenciei motoboys, frentistas e garçons com máscara. Os primeiros posaram para foto, eram quatro e perguntaram se queria com máscara ou sem máscara. Falei que segundo a vontade deles. Perguntei também se eles participavam do movimento Treta no Trampo, disseram que não, no entanto apoiam os motoboys de aplicativo que estão na linha de frente e eles na retaguarda. É interessante a maneira como o posicionamento deles frente ao sistema capitalista é tratado como campo de batalha, isso invoca os conceitos de luta de classes e consciência de classe, conceitos que pertencem ao senso comum dos mais desfavorecidos, mesmo sem conhecimento prévio da teoria marxista. Não por acaso, Debord se referiu tanto a Clausewitz, estrategista e general do começo do século XIX.

Tive pavor de fotografar as pessoas de bares de forma muito explícita, desavergonhada. Tirar fotografias de pessoas de uma forma muito ostensiva poderia gerar problemas. Dessa forma, um homem sem vergonha, há algum tempo, bateu uma foto minha numa livraria. Não pude evitar meus brados, porque fiquei possesso. Ele foi embora logo, imaginando um possível processo, porque hoje São Paulo está tão mundializada, quase adotando, inclusive, essas mesmas práticas americanas, de sempre fazer uso de tribunais. Pergunto-me, com quais meios os fotógrafos clássicos agiam, como tiravam fotos de pessoas nas ruas? Falo dos fotógrafos mais famosos; como se dirigiam às pessoas em ambiente público, aos músicos de jazz, aos sambistas? Perguntam sempre a todos os jogadores de futebol a permissão de um foto? Quando será que personalidades da mídia assinam contrato para ceder a própria imagem em todo lugar?

Essa seria a procura da relação com o momento fotográfico. O instante da total permissividade. Qual seria nossa relação com as pessoas? Onde estariam as pessoas mais desejadas e as mais temidas? E os granfinos na molecagem mesmo, sentindo prazer numa desfeita. E quando eu, você, nós e eles nos fechamos, com um misto de julgamento, para prevenção ou usufruto do prazer momentâneo? E agora, será mais importante escrever tudo isso? Num e registro jornalístico de denúncia, numa escrita catártica (mais surrealista)?

Qual é a possibilidade de verdadeiro impacto social dessas palavras? Quem leria esse relato? Ozzy já dizia: *No more tears*, no vídeo-clip com citações de *Alice in Wonderland* e referências a Dalí.²⁶

26 O videoclipe apresenta uma construção surrealista de cenário, com bocas e olhos gigantes, precipícios e violinos que tocam sozinhos. Não seria exagerado dizer que são referências tanto a Dalí (com um cenário de desconforto onírico), quanto a Artaud (percebendo o corpo sem órgãos ou os órgãos sem corpo). Lewis Carroll é citado nas imagens porque se vê uma sala sendo inundada pelas lágrimas de uma mulher vestida com roupas vitorianas.

Na pesquisa teórica sobre nossa gente, fica a ação de observação-ativa sobre a ocupação e uso do espaço urbano. Dessa vez caí na noite de um bairro boêmio com meus passos, sem beber uma gota de álcool ou sentir chuva, no terreno dos corações secos de ódio ou de descaso.

<<<<<<>>>>>>

o) PIXO – APROPRIAÇÃO – INTERPRETAÇÃO - GARANTIAS

A cidade é um oceano de relação, num barco a deriva, numa armadura ou arma, tudo pode ser um disparate e um engodo. Toda ligação de significado depende do histórico e da percepção dos agentes envolvidos. Num muro de cemitério, encontramos um pixo legalizado, feito trâmite projeto social, em cima de azulejos emoldurados. Aqui vimos uma rebeldia contida, e transformada em fetiche, por ser aceita em um sistema que continua excluindo. Quem pode se manifestar foi agraciado pela sorte, e se acredita em meritocracia em todo lugar. No pixo, a leitura em questão seria FIM, FAMA ou FIADO, como possibilidade. FIM é uma ironia com o apocalipse cristão, que vê diabo e explicação teleológica em tudo, justificando toda exploração e exclusão. A FAMA é algo almejado, o lugar da visualidade, o lugar que conta numa ética do sobressalente e e da diferenciação do todo considerado um lamaçal ao qual não se pertence. O FIADO é admitido informalmente pelo por alguns espaços comerciais. Algo necessário e permitido em certos espaços sociais, o espaço da pobreza. Para a cidade funcionar, por bem ou por mal, o consumo deve continuar em todo lugar.

A apropriação não legalizada dos chamados criminosos é regida pela (anti-)ética do consumo, o mercado de capital move as peças do jogo do capitalismo, uns com mais, outros com menos: perdendo e aprendendo a jogar. É uma conjuntura perversa de circulação de mercadoria, regida por necessidades básicas (em excesso ou em falta), mas muito também por necessidades criadas. Pelo senso comum, deve sempre existir garantia, explicação e pena para crimes (ou supostos crimes), fruto dos conflitos do sistema capitalista. O binômio moralidade/amoralidade talvez seja crucial, adequadamente, para a criminalização de um suposto delinquente, pobre e pixador. Quem nunca pecou atire a primeira pedra. O que é *crime*? A quem interessa a idéia de *crime*? Por algum motivo, todos podemos ser imputáveis. Na rede de relações mutantes, o importante mesmo é o contexto, onde tudo pode se afirmar-firmar-formar ou não. Pensa-se numa lógica utilitarista e industrial: “tudo tem de encontrar uma finalidade e um motivo para alguma coisa”. O medo do território do acaso, e da gratuidade, é o medo do instável e do movimento, presentes numa deriva.

<<<<<<>>>>>>

Leituras reais ou não, inventadas ou justificadas, colocam a possibilidade da interpretação de sinais no ambiente urbano. A interpretação de sinais é fundamental para viver nas cidades. Modos de falar, de vestir e de se comportar carregam significados, tem a marca de origem, do espaço, do tempo e do histórico ao qual se pertence. São códigos que regem a movimentação em ambientes e agregações de seres, códigos de comportamento e de conduta. Jonathan Raban fala sobre isso no livro **Soft City**, onde a cidade é descrita em sua larga maioria como um todo homogêneo, onde a diferenciação é um sistema, algo para ser descrito e analisado, e não é um problema, fruto de exclusões, luta de classes, diferenciações sociais, exploração à qual os desfavorecidos são submetidos. Milton Santos fala da cidade como um sistema composto por subsistemas. David Harvey escreve sobre a variabilidade das coisas fugazes, das exigências da internacionalização e do lucro. Zygmunt Bauman desenvolveu a metáfora da sociedade-modernidade líquida.

<<<<<<>>>>>>

Cidade muda. Cidade fala. Quebra calçada e chama caminhões de mudança.

p) DERIVA #2

Essa deriva foi feita junto a Cleiri, amiga, artista, professora, por sugestão dela, passamos por ruas dos bairros Vila Anglo e Pompéia. Dessa vez preparei stickers, adesivos pequenos, com fotos de fechaduras empilhadas e, ao lado, escrito 'envolva-se'. Tivemos sorte porque não choveu. Os dois bairros são muito diferentes, mesmo que sejam espacialmente próximos. O interessante da Vila Anglo é que tem muitas ruas pequenas e fechadas, para pedestres. Embaixo delas, passam córregos, parte da rede fluvial que passa, por baixo da cidade de asfalto. Cleiri adora plantas. Enquanto eu ficava procurando alguma beleza na decadência de edificações (ou irregularidades no acimentado do caminho), ela dividia lembranças, ficava maravilhada com folhas e flores que gosta muito; era impulsionada organicamente por memórias de natureza; que atravessam o ambiente tanto urbano, quanto da terra, infância, família e amizades. Cleiri nomeia o que vê, compartilha significados, reminiscências, usos e referências, isso sempre. Durante a deriva, entristecia-se quando se depareva com raízes de árvores sendo sufocadas pelo cimento. Já eu, gosto de rachaduras nos muros e emaranhados de fios. Cleiri disse que já teve esses gostos.

A Vila Anglo é um bairro mais popular, não se veem prédios e, em alargamentos de ruas de maneira muito clara, têm-se a ilusão de estar em algum lugar da periferia paulista. Muitas pessoas idosas, adultos e crianças estavam na rua, pouquíssimas sem máscara. Bares e restaurantes, também mercadinhos, estavam abertos. Algumas pessoas conversavam na porta de casa, na entrada, por cima da grade do portão. Há memórias da época em que as ruas da Vila Madalena eram de terra. No começo dos anos 60, ouvi,

ocorriam jogos entre times de várzea desses dois bairros dos quais estou falando. Conforme entendo, quando a gentrificação começou a chegar na Vila Madalena, no final dos anos 70, pessoas, com um poder aquisitivo não tão favorecido, se mudaram para o local onde hoje é a Vila-Anglo.

A Pompéia concentra um público de renda alta e média-alta, de forma majoritária. Os prédios e casas de alto padrão se somam às ruas arborizadas, silenciosas e desertas. Muros altos de residências, talvez quase abandonadas (muitas placas de 'vende-se' e 'aluga-se'), se alternam com fachadas e grades de condomínios, de uma frieza familiar organizada.

Em dado momento da deriva, Cleiri e eu perdemos nossa localização. Esse poderia ser um momento construído, mas aconteceu naturalmente. Parecia que íamos dando voltas no mesmo lugar, passando pelas mesmas ruas. Ela cumprimentava passantes, como se os conhecesse, dizendo que isso ocorria numa retribuição de olhares. Pensei que essa poderia ser uma tática para circulação num ambiente onde se é estranho, mas Cleiri disse que não era o caso. Quando nos vimos por vídeo, noutro data, depois da deriva, lembrei de quando não existiam smartphones com mapas digitais facilmente transportáveis.

Dei risada da lembrança de uma vez, aos 14 anos, em que procurava o Centro de Cultura Social na Rua do Hipódromo, acho que na Móoca. A Rua do Hipódromo é muito longa, e tem uma sequência de números fora da lógica burguesa²⁷. Perguntava para as pessoas e sempre diziam que não eram dali. Esse era um grande problema, ou aposta, ou caminho para derivas não planejadas, quando os mapas não adiantavam. Meu pai tinha me dado de presente de aniversário o Guia 4 Rodas, um guia caro. Para Cleiri era muito complicado, me contou, quando o utilizava. Interessante porque, para utilizar o Guia 4 Rodas, precisava-se ter conhecimentos quase místicos e matemáticos, direções e gráficos, que contêm códigos secretos, na medida em que o livro dividia o real em páginas, retângulos, com uma lógica própria, absurda pra alguns, e reticulada numa racionalidade, uma ordem para os criadores do mapa. Era voltado para quem tinha automóvel, no máximo continha as rotas de ônibus, e tinha recomendações de hotéis, mas não tinha os pedestres como público-alvo: esse é o mais absurdo.

q) DERIVA #3

Memórias de semanas podem ser recriadas, assim como memórias de anos. Certas lembranças são certas e causam apego, vontade, dor, nostalgia, tristeza, desejo, riso ou

27 De maneira geral, numa rua hipotética, a numeração das casas, construções e edifícios segue uma sequência tendente ao decimal. O esquadramento urbano e a estratégia matemática do espaço seguem uma lógica de dominação, poder e vigilância. Os bairros do Brás e da Moóca, no momento de sua formação, abrigavam muitas pessoas italianas, dentre as quais anarquistas militantes das Greves Operárias do começo do século XX. Ruas vivas resistem como lugares-memória. Os espaços não estão ordenados, ordenados, de nenhuma forma. Qualquer progressão aritmética não presta. Vive-se em espaços de afetos e possibilidades. Toda mudança e alteração arquitetônica traz uma recolocação e realocação de grupo-ambiente. As quantidades e as qualidades se transformam.

alegria. Muitas vezes os espaços e corpos são inalcançáveis no tempo e é impossível recriá-los materialmente como foram, mas sim, vêm como memória do corpo; presente e imaterial, sendo corporificada. Meu pai passou a infância no bairro da Água Rasa, visitado por nós. As casas aparentemente não tinham mudado, às vezes mais ricas, às vezes mais pobres. A maioria dos sobrados ainda têm uma aparência dos anos 60. O jornalista é filho de quem ofereceu o primeiro emprego a meu pai, quando criança. Foi aprendiz; substituindo o corpo do empregador, corpo- adulto, com dores e cansado. Os muros não tinham nem grafites e nem pixos naquela época. Momentos e namoradas surgiram na memória de meu pai a partir de lugares, ruas, moradias e cruzamentos nas esquinas, com bares.

r) DERIVA #4 – NOVA COLAGEM, TALVEZ SILENCIOSA, BRANDA E COM, SOMENTE, AMENIDADES

Foi feito um deslocamento a da Rua Natingui, a partir da Rua Purpurina, com até o Alto de Pinheiros. Era um domingo antes das eleições municipais do segundo turno. O trajeto foi, na maior parte, ausente de pessoas; mas havia um pouco de gente na entrada de supermercado de bairro. Algumas pessoas estavam sem máscara. Foram colados adesivos de ideiação própria, onde está escrito “ENVOLVA-SE”, com um fundo de fechaduras empilhadas. É capaz, à primeira vista, que o trabalho com adesivos colados em quadros de luz, placas e lixeiras, seja uma ocupação demasiado amena, sem demonstrar as gritantes desigualdades ou conflitos na urbanidade.

O bairro Alto de Pinheiros tem casas grandes de alto-padrão e edifícios com câmeras de segurança e cerca elétrica, em cima de muros enormes. Não há comércio (só se verificou a presença de um supermercado, como foi dito). As árvores devem proteger do barulho da cidade, das conversas dos vizinhos e trabalhadores, bem como dos males da poluição. É certeza que praticamente todas as pessoas que habitam essa localidade têm carro, porque as ruas com pontos de ônibus ficam nas bordas do bairro.

s) PERCEBER POSSIBILIDADES

É inviável ter uma visão completa ou aproximada da cidade de São Paulo; é difícil traçar uma relação de uso e ocupação de bairros sem ficar num estrato superficial. Apesar disso tudo, em oposição à colocação prepotente da frase anterior, Milton Santos consegue estabelecer hipóteses em um nível macro sócio-político a partir de uma análise estatística micro e de recuperação de dados históricos. No livro **A Cidade nos Países Subdesenvolvidos**, escreve:

[nos países subdesenvolvidos] é somente após haver ultrapassado certo número de habitantes que uma cidade pode ser dotada de uma força capaz de criar os serviços que uma pequena cidade do mundo industrial geralmente possui (...) uma numerosa população termina por ser a condição por vezes

principal, para a mobilização de recursos sem aplicações produtivas. A população que é uma fraqueza dessas cidades também constitui sua força' (1965, p. 50)

A população de São Paulo, como todos os maiores centros brasileiros, é constituída a partir do êxodo rural; nos referimos ao deslocamento de zonas agrárias ou do campo, desprovido de recursos, para a cidade grande, em vias de desenvolvimento. Não é certo que o migrante encontre uma vida melhor na cidade, mas sempre há uma esperança renovada, existe sempre a crença viva na meritocracia, tão cara ao capitalismo desde tempos imemoriais. Quando já a metrópole dos países subdesenvolvidos não consegue se manter por conta própria, recorrendo a importações de outras tecnologias e serviços do mundo desenvolvido, uma cidade nacional de menores recursos tem sua capacidade em um patamar mais inferior.

Se uma metrópole subdesenvolvida (quando não precária), com pouca oferta de transporte, saúde e educação, recebe uma grande leva de migrantes internos, não há tanta oferta de emprego, e é decorrente uma falta de direitos básicos e benefícios para a população menos favorecida. A ocupação dos bairros, a nível populacional e de áreas de uso, é consequência lógica da disparidade social. É a partir desse ponto que Milton Santos afirma que a população é uma *fraqueza* e uma *força* dos grandes centros urbanos. Nesse ponto de vista dialético, as desigualdades de uma cidade podem oferecer campo para ações afirmativas e melhorias para os habitantes de uma cidade como um todo.

Nos mundos subdesenvolvidos, a rede urbana como que se cria, estrutura e vive em função dos estímulos do mundo exterior. / Não seriam esses estímulos, na sua quantidade na sua força, apenas que dariam os níveis de hierarquia; mas essa hierarquia resultante da capacidade de cada um deles de transmitir esses estímulos (idem, p.162)

Nesse trecho, o geógrafo Milton Santos expõe uma das teses de **A cidade nos países subdesenvolvidos**. Traz uma percepção das relações internas (nacionais), entre campo, vila, metrópole e das relações externas (internacionais), com o mundo colonizador e desenvolvido. Propõe uma via de atuação governamental a partir do estabelecimento de hierarquias para identificar os locais que carecem de serviços e investimentos. O livro de Milton Santos é também inovador por traçar um panorama básico e comparativo entre metrópoles brasileiras e africanas, da região conhecida como África Negra. O intelectual relata impressões e estabelece linhas de análise a partir de viagens pessoais, como relata. No livro, existem trechos onde dados estatísticos são intercalados com história urbana e percepções de registro pessoal. Podemos dizer que Milton Santos fez um relato acadêmico a partir de *derivas*?

Entendendo essa estrutura espelhada da cidade com os *estímulos do mundo exterior*, nós transferimos essas percepções para o plano sócio-cultural, no âmbito de uma crítica interna deste trabalho, aqui apresentado. É capaz que - baseando-se no discurso permeado pelas *derivas* vivenciadas pelos situacionistas franceses, em meados

dos anos 60 -, em uma releitura, acaba-se, aqui, por desconsiderar a condição do país e da megalópole de São Paulo, como real e verdadeira situação-problema, exigindo um posicionamento crítico mais claro, com o intuito de denunciar suas crises e desigualdades urbanas. O recorte feito nessas páginas não tem a pretensão de provar ou propor algo, nem de sustentar a viabilidade ou a utilidade de algum modo de fazer ou agir. Não vemos resposta e nem hipótese a ser sustentada. Não nos envergonhamos e nem nos culpamos por trazer um registro ameno, a partir de uma nostalgia afrancesada e, ainda, estudada com historicismo. Entretanto, tudo não vem só para passar o tempo, nem é manifestação do ócio criativo e nem perda de tempo (ver ou não ver o tempo passar é alienação?). Quem lê, conte-nos agora quais são os melhores meios e as táticas mais úteis para... Uma infinidade de ações, reações e movimentos em nossas vidas não têm registro e finalidades, nem por isso são menos importantes do que algo que se propõe a tanto, a permanecer, até mesmo somente na memória consciente. As nossas situações de vida mais radicais, que nos tiram realmente do eixo, são aquelas que não deixam traços facilmente recuperáveis; são situações que queremos esquecer ou esconder. Os surrealistas trabalharam com o tabu e o trauma. Para Debord, em **A Sociedade do Espetáculo**, os surrealistas quiseram suprimir a arte realizando-a, enquanto os dadaístas queriam suprimir a arte sem realizá-la; já os situacionistas tinham como meta suprimir-destruir a arte, superando-a.

A prática é “a realização de nós mesmos (a nossa separação do regime do isolamento). Isto é o útil e o utilitário. Nada mais.” (KOTÁNYI e VANEIGEM 2004, p.77)²⁸ Quem são os situacionistas? Eles propõem, provocam e vivem situações. O que é uma situação? É um jogo primordial, necessário e inevitável. A *deriva* é uma situação²⁹. Uma deriva pode começar com uma, duas ou mais pessoas no deslocamento de um entorno específico³⁰, muitas vezes acerca de bairros de passagem usual; e então, se transita, geralmente a pé, delinea-se um mapa (corporal-espacial); as pessoas ficam interessadas, incutidas, intencionadas e contaminadas pelo ambiente, pelos declives do terreno ou por pessoas, construções ou elementos do trajeto, o qual se faz e pelo qual se é feito: “Nós somos habitados: é desse ponto que devemos começar” (VANEIGEM, 2004, p.95)³¹. A prática da deriva é um dos combates ao *urbanismo unitário*³², que engloba os ditames a que são subordinadas as pessoas, em suas locomoções e ações físicas na cidade, previamente decididas. Essas linhas *sensatas e ordenadas*, mas ditatoriais e autoritárias, podem ser vistas na organização racional através da qual se divide e decide a movimentação nas

28 Tradução nossa: “la realizzazione di noi stessi (la nostra separazione dal regime dell'isolamento). Questo è l'utile e l'utilitario. Niente altro.” KOTÁNYI, A.; VANEIGEM, R.. *Programma elementare dell'ufficio di urbanismo unitario*. IN: DEBORD, Guy; VANEIGEM, Raoul e altri (traduzioni e cura di Pasquale Stanziale). **Situazionismo – materiali per un'economia politica dell'immaginario**. Bolsena (VT): Massari editore, 2004, p. 77.

29 I.S., *Manifesto*, no. 4, giugno 1960. IN: idem, op. cit., pp. 215-18

30 Conceito definido em DEBORD, G.. *Teoria della Deriva*. IN: id., ib., pp. 56-63.

31 Tradução nossa: “Noi siamo abitati: è da questo punto che bisogna partire.” VANEIGEM, Raul. *Commenti contro l'urbanistica*, I.S., no. 6, agosto 1961. IN: id., ib., p. 95.

32 Conceito definido em KOTÁNYI, A.; VANEIGEM, R.. *Programma elementare dell'ufficio di urbanismo unitario*. IN: id., ib., p. 75.

ciudades. Num momento de revolta e de ato urbano, um primeiro momento e movimento é a tomada ou a interrupção das vias públicas, a paralisação do tráfego, as pessoas querem ser vistas e ouvidas!

t) A NÉVOA DA CIDADE REBELDE & A IMPOSTURA DA CIDADE DIGITAL

A informação chega-nos em atacado. Hoje, não conta mais o espaço físico para estocar livros, vinis, K7, VHS, CDs. O aplicativo de chamada (espaço de encontro), a memória disponível, e capacidade-velocidade de conexão, são o que conta para o intercâmbio de informações. A media imediata, a resposta e confirmação certas são os nossos códigos de behaviorismo. Nos smart-phones, pads, laptops e computadores temos praticamente toda a nossa vida. As redes de frequência, não são mais ondas de rádio, mas viabilidade, disponibilidade, permanência e lealdade às redes sociais, quando a visibilidade se dá em cliques. Não é mais necessário avaliar se a informação transmitida por nós (ou pelas máquinas) foi criada por nós mesmos (disponibilizamos, confirmamos, assentimos). Nossa mente-corpo-ambiente também começou a ser guiada, perceber e ser percebida por algoritmos. A telepresença ainda não comporta o tato, mas decerto, dentro de 30 ou 40 anos, poderemos ter essa necessidade: sexo, aulas de corpo, música e encontros poderão ser feitos à distância, até mesmo com seres virtuais. É necessário frisar que ser apocalíptico, nesse caso, é ser desintegrado, porque a difusão da vida social exige, hoje, o virtual, sem escolha além do pseudo- distanciamento, nas eco-vilas, que, com certeza, deverão contar com um mínimo de conexão wi-fi.

Já foi dito aqui que, na virada do milênio, se tinha uma crença otimista no futuro da tecnologia, um prognóstico exagerado e impulsivo. A tecnologia de dados e informação digital dá vida a bots de controle de meta-dados, usados para impulsionar a velocidade de uso de aplicativos em interfaces sempre personalizáveis (remetendo a uma falsa criação de si ou pseudo- individuação), cria ambiente fértil para coleta de informações pessoais que não se sabe para que servirão ou já estão servindo. Tivemos as vitórias nas eleições de Trump (2017) e Bolsonaro (2018) impulsionadas pela Cambridge Analytica³³, com sequenciamento de dados das redes sociais, levado a cabo sob as diretrizes de Steve Bannon.

A ficção científica *cyberpunk* dos últimos vinte anos do século XX pode ser vista como distração juvenil, de jovens alvo dos incipientes conglomerados empresariais, numa era de pré- movimento NO-global, quando o domínio geral do capital parecia provável, mas distante, era um *medo* só presente na ficção. Animes, filmes e livros³⁴ eram parte de um ramo de resistência a um futuro desconhecido e apavorante, como uma volta à caverna de Platão. Saídos dessa caverna, vamos ao encontro de uma outra caverna, possivelmente maior de tamanho, mas com mais sofrimento e menos possibilidade de escolha.

³³ https://pt.wikipedia.org/wiki/Cambridge_Analytica

³⁴ *Ghost in the Shell*; *O Caçador de andróides*; *1984*; *Neuromancer*; *Matrix*, etc.. (ver bibliografia).

O desenvolvimento e recrudescimento do capitalismo, o aumento da disparidade social e a aparente capa de que tudo vai bem soam como uma alienação orwelliana³⁵. Por ironia, nos anos 60 já se previa isso. A partir de um autodeclarado falso questionário da revista **Internacional Situacionista**³⁶, podemos inferir: hoje, numa redução (não generalizada) do tempo de trabalho na indústria produtivo-material, há maior espaço para um exército de reserva (falso ou não), o qual ocupa cargos fáceis e acessíveis, numa indústria global de entretenimento. Esse exército de reserva - pago ou não, desocupado ou não - retroalimenta uma sociedade mediante um *súrlus* constante (agigantado, de alienação), num cenário no qual a crença otimista (do futuro da técnica para a libertação humana) ter-se-há revelado falaciosa. No scroll-lock das redes sociais, descemos mais na cova, nos tornamos mais máquinas, talvez voltando pra um ponto originário de comunidade celular (biologia), de informação genética em *bits*, em 0 e 1. Na nossa *diversão*, trabalhamos de forma muito eficaz nas redes sociais, numa cidade digital-informacional, que não nos deixa mais próximos, mas, dialeticamente, mais separados.

A internet - a rede que conecta computadores, celulares e TVs (eletrodomésticos, carros, casas, até) – não é mais parte de nossas vidas, é nossa vida e pode ser equiparada a uma cidade, com *hiperlinks* como cruzamentos de ruas, *sites* como lugares de entrada e saída, uma vasta confusão de sensações, percepções e as variadas formas de arquivamento, memória e comunicação. Apesar de apresentar-se como um emaranhado à primeira vista, a rede como um todo está ligada e não está, é e não é, no seu estado indescritível e inefável, vive numa liquidez permissiva e resiliente, numa múltipla corrente de retro-combinações progressivas por variadas formas de *inputs* e *outputs*; dizia-se da ausência de centralidade da internet, mas os grandes conglomerados da *web* invalidam essa esperança da virada do milênio. A questão crucial é saber o que é feito com esse grande arquivo de dados, quem e qual *bot* tem acesso a ele, e como nós talvez já estejamos servos desse sistema digital, até mesmo por vício e dependência quotidiana. A maneira pela qual nossas preferências e práticas possam ser indexadas para um uso corporativo-governamental (vivemos na intensificação do neo-liberalismo) nos pode deixar mais reclusos e mais dependentes de um universo totalitário. Pierre Lévy (1998, apud SANTAELLA) traça uma semelhança entre arquitetura urbana e ciberespaço:

No silêncio do pensamento, já percorremos hoje as avenidas informacionais do ciberespaço, habitamos as imponderáveis casas digitais, difundidas por toda a parte, que já constituem as subjetividades dos indivíduos e grupos. (...) O ciberespaço: nômade urbanístico, pontes e calçadas líquidas do Espaço do saber. Ele traz consigo maneiras de perceber, sentir, lembrar-se, trabalhar, jogar e estar junto. É uma arquitetura do interior, um sistema inacabado de equipamentos coletivos da inteligência, uma estonteante cidade de tetos e signos. A administração do ciberespaço, o meio de comunicação e de

35 ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

36 I.S., no. 9, agosto 1964. IN: DEBORD, Guy; VANEIGEM, Raoul e altri (traduzioni e cura di Pasquale Stanziale), op. cit., pp. 219-27.

pensamento dos grupos humanos, será uma das principais áreas de atuação estética e política do século XXI. (...) O ciberespaço designa menos os novos suportes de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados. (...) Constitui um campo vasto, aberto, ainda parcialmente indeterminado, que não se deve reduzir a um só de seus componentes. Ele tem vocação para interconectar-se e combinar-se com todos os dispositivos de criação, gravação, comunicação e simulação. (SANTAELLA, 2003, p. 102)

Essa certeza na liberdade propiciada pela realidade virtual desconsiderou a internet como uma rede sujeita a domínio e constituição de espaço de poder, a certeza do inacabado e do indeterminado revelou-se falha porque, por exemplo, é impossível navegar anonimamente sem deixar rastros de dados que podem ser traduzidos para direcionamentos de condutas reais e virtuais, separação antiga, porque no século XXI, o ambiente real e virtual estão fortemente amalgamados. Não há nem mais como e nem mais tempo para rejeitar a tecnologia. A derrota dos ludditas é história e os anarcoprimitivistas são motivo de piada. Não há mais escolha, não é mais preciso atender ao *junte-se a nós*.

ESPALHAR

a) GENEALOGIAS, DESEJO EM DERIVAR

Se o desejo é recalcado é porque toda produção de desejo, por menor que seja, pode pôr em questão a ordem social estabelecida de uma sociedade: não que o desejo seja a- social, ao contrário. Mas ele é perturbador; não há posição de máquina desejante que não leve setores sociais inteiros a explodir (...) é de importância vital para uma sociedade reprimir o desejo, e mesmo achar algo melhor do que a repressão, para que até a repressão, a hierarquia, a exploração e a sujeição sejam desejadas.

(DELEUZE e GUATTARI, **O Anti-Édipo**, 2011 [será usada a sigla AE], p. 158)

Desejos são vontade de mudança. Revolucionam; são indomáveis, incontidos, ubíquos, tautológicos, atemporais, absolutos, infinitos e sem limites; quebram limites. São incisões, cortes no cotidiano, derivas insubordinadas, as decisões impulsivas de *dobrar a esquina*, abrem espaços, estratos, queimam estruturas, desvirtuam estratégias, provocam descontrole, invertem o ceder, vão além das disponibilidades, explodem em possibilidades, celebram o inesperado, são fluxos, são esquivas, partilham entregas, porque o todo é só uma das partes.

A concepção de que o todo é só uma das partes está também em Deleuze e Guattari, em **O Anti-Édipo** (1972-73), escrito no calor do Maio de '68 francês, juntamente com os livros dos situacionista Vaneigem e Debord, respectivamente **A Arte de Viver para as Nova Gerações** (1967) e **A Sociedade do Espetáculo** (1967). Esses livros se debruçam com paixões num mundo de esperança e possibilidades, numa anti-estratégia de quebra de verdades constituídas, condensadas, ritualizadas, fixadas pela sociedade capitalista numa existência *virtual* (Deleuze e Guattari) - fictícia, de simulacro – ou espetacular (Vaneigem e Debord).

Para Debord, numa sociedade do espetáculo, é impossível cogitar, visualizar ou planejar outra realidade. Deleuze e Guattari investigam a estrutura de domínio no mito de Édipo; este, segundo estes filósofos, se transforma em paradigma social antes da psicanálise, antes de Freud. É um espetáculo, uma instância virtual, um espectro individual, é indecível, porque já está nos enclausurando, é tabu, culpa, um meio de ser e de se entender no mundo, maneira cruel, ensinada, promulgada, privilegiada e herdada. É proposta uma análise de discurso na antropologia de Lévi- Strauss, que enxergava no incesto uma marca da diferenciação entre homem/natureza e de uma estruturação da sociedade.

Deleuze e Guattari - em vez de se precaver e de entrever um mundo fechado e erigido sobre limites únicos (o paradigma unitário e explicativo do meta-sistema; ex.: o Estado, o Capital, o Ser) - percebiam as máquinas desejantes silenciadas e reprimidas num mega-sistema protetor, de forte inércia e permanência repressora. Uma das teses de **O Anti-Édipo** traz as máquinas desejantes não mais como o objeto-vítima de repressão-

recalcamento, mas sim sujeito-ativo, numa luta para se diferenciar, para se libertar, com propulsão de vida. A psicanálise tradicional, segundo o livro, se acomoda muito em interpretações fechadas do *mito de Édipo*, entendendo o indivíduo neurótico- psicótico numa teia familiar (triangular criança-mãe-pai) e não numa relação com a sociedade como parte de um *todo*¹, sem considerar a multiplicidade das partes na vida de qualquer pessoa.

O livro coloca a esquizofrenia como o mal-do-século XX porque esta se manifesta na desmedida da contínua mudança, na desconstrução e reconstrução de signos, impermanência de códigos; assim, se encontram válvulas de escape para as máquinas desejantes, que não param, insaciáveis em suas percepções de possibilidade; no menor impedimento, vem um corte para outro lugar, uma dobra ou uma variação.

Em música erudita, tem-se peças de “variações sobre um mesmo tema”. Um motivo nunca fechado e sempre indefinível. Deleuze e Guattari escrevem sobre um processo de deriva do *esquizo* num deserto interminável e dotado de uma sorte, forte intensidade (AE, p. 177), onde não há saídas, não há qualquer forma de contato com nosso mundo fechado, regrado, retrógrado, estratificado, enclausurado. A saída impõe um limite ou um contorno de espaço.

O *mito de Édipo*, para Deleuze e Guattari, existe e não existe, é um discurso fictício que se inseriu muito bem em nossa sociedade, que se estagnou como uma máquina sem óleo. Os autores lembram que Nietzsche não falou sobre *a morte de Deus*, a questão não é que Deus morreu, mas sim que nem devemos colocar isso em questão ou nem discutir. Falar que o *mito de Édipo* é uma invenção e falar que Deus morreu é incluir o objeto nos discursos, então, conseqüentemente, a afirmação “Édipo e Deus não existem” quer dizer: eles existem sim. Em palavras-chave, nomear-tachar-cobrir-conter algo levam a diferenciar-desligar-separar-excluir outro; colocar em discussão é aceitar ambos os termos². A existência de um binômio já é aceita opondo-se a ele. Uma das chaves de resistência poderia ser: o binômio é e não é.

O não deixar a nu o desejo, impedir a ação da máquina desejante, por meio da repressão- recalcamento, cria neuróticos-psicóticos, cuja interação no ambiente-pessoas-quotidiano só pode ocorrer de forma falsa, ilusória e mediada, prosseguindo através de uma ação gregária e perdendo o impulso criador e a vontade revolucionária. A rebelião escapa ao *estabelecido* de antemão pelas estruturas de Estado, família, religião, ambiente privado e financeiro; o estabelecido das grandes verdades, e formas de compreensão indiscutível, onde não é deixado espaço para a potência criadora e revolucionária do desejo, enquanto libertação. No conto **A roupa nova do imperador**, no qual o monarca é ludibriado por costureiros que lhe vendem uma roupa possivelmente invisível, que, na realidade, não existe mesmo, e, num desfile, somente uma criança expõe a verdade, de forma ingênua

1 Conceito discutido mais adiante.

2 Max Stirner em **O único e a sua propriedade**, afirma que um ateu acredita em Deus, porque tem algo (o Deus) em quem não acreditar.

e sem a auto-censura do mundo adulto. Acontece que a falsidade das pessoas era regida pelo discurso de que a pessoa, cuja vista não atinasse a roupa, seria idiota e de má índole e, assim, deveria ser banida do reino. O esconder aquilo que está à vista, ou não está à vista, optar pela falsidade, duvidar dos próprios sentidos - e recalcar, frente a repressão, ou criar a repressão recalcando anteriormente -, caracteriza o neurótico e o ambiente-pessoas-quotidiano se esvai, é o consentimento³ de um ambiente espetacular (virtual, como Édipo, para Deleuze e Guattari). O falsear e o *não* deixar a nu (não expor) é também a nudez do imperador; despercebida, falseada, ignorada, negada e evitada. Todas as pessoas estão nuas na verdade, mas ninguém quer admitir nenhuma nudez, porque se evita, não se corresponde e desvia-se o olhar, tira-se a mão, deixa-se passar, justifica-se com a distração, com o estado psicológico; é o auto-engano dos sentidos, é a criação do binômio loucura/normalidade. A força do engano, consentido e aprovado, manifesta-se coletivamente.

O fluxo do desejo, a libertação da máquina desejante, é parte do todo – totalidade cuja substância é parte, portanto uma parte em relação de complexidade – de uma deriva psicogeográfica intermitente. O corpo e a atividade do esquizo, o sujeito-objeto-eucorpo-ambiente-real-virtual, compromete uma tentativa de enclausuramento e de censura ordenadas por todo paradigma. O esquizo é um viajante alucinado, que nunca se encerra, nunca pára, numa ânsia e num redemoinho de criação explosiva, *surtado*-indomável e multifacetado. O mapa psicogeográfico não tem relação com os mapas geográficos de um padrão GoogleMaps ou o antigo Guia4Rodas, vai além do mercado e do capitalismo, porque participa de um fluxo de afetos que ressignifica lugares cotidiano-pessoas-bairros-cidade, transformando a paisagem-sujeito numa possibilidade de interação múltipla para criar situações que fujam do cotidiano banal e espetacular; o cotidiano neurótico-psicótico, do capitalismo desconexo, ignorante, falso, padronizado, pasteurizado, repressor, violento, ilusório, neurotizante-psicotizante, enclausurador de ruas sem-saída, de encaminhamentos para instituições e de loucuras; mas os esquizos, o pirado que quer atear fogo nas certezas, o rebelde que quer fugir dos cerceamentos e das censuras do capitalismo, são desadaptados por natureza, e são vistos como tal, para serem, assim, isolados e reprimidos em prisões, condicionados por um tratamento psiquiátrico indevido, ainda hoje (porque industrializado, somente medicamentoso, redutor do sujeito).

A deriva é uma criação de situações, desvios, cortes de caminhos, aproximações-distancimentos, esquartejamento do corpo-sem-órgãos⁴; desistir não é não-continuar, mas des-existir des-velar, sumir e reaparecer; se nada pode permanecer no fluxo, impermanência é imã- nência, o transcender é ceder, transcenda pela senda, pela sombra; nada-tudo se torna presente, dilema indecifrável, atual é destruição-criação-recriação, desconstrução-construção, montar e remontar, moldar e remoldar, fluxo, mutabilidade que não se identifica

3 O *Numen* d'O Anti-Édipo.

4 Deleuze e Guattari refazem-se e fazem Artaud.

enquanto tal para não ser capturada, para não ser desfeita, para a rede não se perder e voltar a encontrar; a diferença remete e torna à inferência, a inferência retorna e volve, e a diferença revolve e torna; o fluxo de deriva é contar (corta a fábula) e descontar (não conte comigo, fui por aí para extravasar); no indescritível com signos variáveis, a verdade não se mantém porque se desdobra, se transforma, se acumula e cai como um jogo infantil de blocos, para ser montado novamente de outra maneira; a verdade é um castelo de areia que volta e revolta, abraça, desenvolvendo-se e envolvendo-se na natureza, existe e não existe, não importa, está lá de outra forma.

As libertações da psicogeografia são as máquinas desejanças dos situacionistas atuando na arte, na anti-arte, para destruir a grande Arte e seus paradigmas e verdades capitais imobilizadas do capitalismo mercantil-industrial-privado-espetacular. A relação do eucorpo-ambiente-real (e hoje virtual⁵) é contínua, vai montando e remoldando tudo aquilo que nos cerca e não nos cerca, e se mantém sim, transforma-se como parte de nós, de todos nós em partes; e o nó górdio, quando se torna verdade, pode ser cortado⁶. Nada é fixo, tudo se transforma. Ao entrar num rio, nunca seremos banhados pelas mesmas águas. Na deriva se pára e vai, se fica e parte, se aproxima e distancia, se entra e sai; nesse amálgama, nesse ínterim, nem se percebe que as ruas são nosso sexo⁷, e a confluência vai no jorro de gozo do orgasmo urbano.

ESTABELECE A MARCA E INCORPORAR A FALHA

As fronteiras não são nossas e não pertencemos às fronteiras

Luther Blissett

Comentando os antropólogos Lévi-Strauss e Mauss, dentre outros, Deleuze e Guattari definem a *marca* como fundamento do corpo social, da sociedade, do *socius* ou da terra (AE, p. 245). Essa marca contém os fluxos de desejo, as manifestações da máquina desejança, que é apaixonada, criativa, avassaladora, devoradora, diabólica e erótica. Essa marca diferencia também a aliança humana (o grupo indiferenciado, conjuntivo) da relação filial (disjuntiva); divide (subescreve) em famílias; estabelece um código de conduta entre essas famílias moleculares. Entretanto, a concepção de aliança humana não existe sem a relação filial, e viceversa. Assim o corpo é conjuntivo-disjuntivo. O corpo marcado, o corpo inscrito da terra, é submetido às trocas, na relação entre famílias, dos fluxos do desejo

5 Santaella, escrevendo na virada do milênio, não separa real e/ou virtual.

6 O memorialista romano Plutarco conta em sua bibliografia sobre *Alexandre, o Grande* que o líder macêdone, em sua passagem de conquistas pela Ásia Menor, chegou em Górdia, cidade que só poderia pertencer a quem desatasse uma infinidade de nós em uma corda, que mantinha um arado atado a uma árvore. Alexandre, impaciente, sujeito dionisíaco e apaixonado, belicoso e sedutor, simplesmente corta a corda com sua espada.

7 Deleuze e Guattari, além de lembrar os *beats* (Kerouac, Ginsberg), recordam Henry Miller.

circunscritos em dívida. Fala-se de trocas entre famílias de povos ancestrais. O desligar-se da própria família é parte de um dever para manter os vínculos sociais das famílias enquanto todo.

Cada *gens*⁸, cada família, tem um território, uma escrita da terra (geo-grafia), um corpo marcado e territorial, também enquanto submetido à dívidas-trocas de relações com outras famílias. A cidade, essa São Paulo, esquadrihada também, inscrita, é um corpo social, um território onde corpos-ambientes-reais-virtuais são constituintes e constituídos, uma escrita urbana de criadores e criaturas, um duplo-vínculo de uma confusão urbana do capitalismo neo-liberal repressor, em crise, em complexo, periclitante e sempre presente. Édipo, O Complexo de Édipo, desconstruído em *O Anti-Édipo*, é constituinte e constituído *da e pela* sociedade ocidental-europeia-capitalista- individualista-colonizadora- antropocêntrica. Édipo é um deslocado, desterrado, rechaçado, para o qual a falta (a culpa, o vazio e a necessidade) é opressora e sempre presente.

A máquina desejante nunca poderá ser suprimida, mas recalcada-reprimida sim. A falta, o problema, pode ser o erro e a falha. Os intercursos e os desvios das normas são apropriados pelo mercado de capital em face do *modus operandi* do capitalismo, essa máquina social (idem, p. 201-3) que se mantém por crises intermitentes. A máquina desejante pode produzir falhas criativas, dobras, acasos: mais material para a moda. No campo da arte, as marcas do pintor Francis Bacon, além de distorções de corpos, dilacerações, são também manchas, sobreposições e digitais na tela. Não eram buscadas imagens, significados, formas e informações dentro dos padrões. Bacon procurava a casualidade, dentre muitas outras coisas, algo que ficasse entre a ilustração (a figuração) e o abstrato:

há muitos anos venho pensando no acaso e nas possibilidades de usar as coisas que ele pode oferecer, e nunca sei até que ponto aquilo que faço resulta puramente do acaso ou do meu trabalho de manipulação (...) A pessoa possivelmente se aperfeiçoa ao manipular as marcas que foram feitas ao acaso, marcas que ela faz de forma totalmente irracional (...) o acaso poderia ocorrer (...) quando [a pessoa] pintando com impaciência e cheia de chateação, ela larga marcas no trabalho (SYLVESTER, 2007, p. 52)

Para Deleuze (2007), esse *acaso* e essas *possibilidades* se manifestam e se incluem na Figura. A Figura, o Fundo-Estrutura e o Contorno marcam o movimento das telas de Bacon, movimento expansivo e retrativo, sístole e diástole, carne que pulsa. Não vemos um caos desgovernado, mas vemos possibilidades, uma nomeação do acaso. As pinturas são lugar da queda e da catástrofe, em definição e não incontroladas. A tríade Fundo(Estrutura)- Figura-Contorno são corte e recriação continuada (relações), que abarca e esvazia; desenvolve e destrói o manual e o óptico através do fluxo do diagrama (movimento) e da ação da cor e da sensação manifesta. Essa destruição que se desvia – estabelece um

8 Fustel de Coulanges estudou a família grega e romana, abordando os séculos IV e V a.C., em *A Cidade Antiga* (1864). Essas discussões sobre os chamados *fundamentos* da sociedade não serão abordadas nessa nossa pesquisa.

corte - para o diagrama de relações é um espaço *entre* a catástrofe do expressionismo-abstrato (pulsão extrema e paixão em Pollock), completamente manual, e o código do abstracionismo clássico (regras e racionalidade de Mondrian e Kandinsky), completamente óptico. Será possível aproximar a definição da Figura de Bacon à composição de um mapa psicogeográfico?

As marcas de Francis Bacon são bem vistas e valorizadas por museus e colecionadores. São como cicatrizes, não imperfeições, mas como diferencial e memória das telas, das obras, valor expansivo-retrativo e retroativo (na variabilidade). Nos dias de hoje, aplicativos de manipulação de imagem, de uso em computadores e *smartphones*⁹, apresentam a possibilidade de filtros *glitch*. Esses filtros provocam falhas na imagem em fotos ou vídeo. De maneira geral, essas falhas (marcas) começaram numa forma analógica e hoje seu uso é bem visto, é provocado, sem a real precariedade, mas por vontade e necessidade. Nos anos 80, quando os equipamentos de áudio-visual começaram a ser um pouco mais difundidos a nível amador, e não profissional, os recursos eram caros, a falha e o *glitch* eram moeda corrente. Compositores de música erudita experimental, nos anos 50 e 60, fizeram experimentações em fita K7, com colagens e ruídos de rádio, por exemplo (o *Grupo Fluxus* teve experiências nesse sentido). Os longos filmes de Andy Warhol foram feitos com baixo orçamento e a atmosfera com defeitos. A não-perfeição é *cult*¹⁰, isso democratiza a experiência artística e não-artística, com muita difusão nas redes sociais. O *tosco* é engraçado e faz sucesso.

O capitalismo se mantém por ação axiomática, pelo estabelecimento de definições de limites, a serem gradualmente superados, e por novas máximas redutoras do indefinido e dos códigos diferenciados em liberdade. Ou seja, o capitalismo se mantém por ações de descodificação¹¹, explicação de novos códigos, e desterritorialização, diferenciação territorial. Códigos em aberto, passíveis de alteração e renovação, são impossibilitados; deslocamentos (espaciais ou de flutuação linguística de significantes, não atados a um significado) são limitados e impossibilitados. Essa ação se pratica na apropriação tanto de práticas rebeldes, quanto de formas de questionamento da ordem social; como exemplo, foi mencionado acima o caso da falha e do erro nas artes visuais; a propósito das práticas situacionistas, já foram feitos (em São Paulo) *workshops* de desenho ao ar livre ou passeios pelo centro, sempre a pagamento, comercializados.

De um ponto de vista urbano, em toda megalópole se presencia um aspecto de flutuação de zonas nobres/pobres, em bairros que se gentrificam e depois saem de moda,

9 Perguntamo-nos: o virtual é o artificial? Mesmo que na época de Francis Bacon os computadores não estivessem difundidos no grande público, os questionamentos do pintor sobre a transmissão de significado pela realidade crua e plausível é interessante. Francis Bacon: "Quanto mais artificial a gente consegue fazer a coisa, maiores são as possibilidades de se conseguir com que ela pareça real" (SYLVESTER, 2007, p. 148)

10 Assuntos abordados em STEYERL, Hito. "Em defesa da imagem ruim", in Instituto Moreira Salles (IMS). **Serrote**. São Paulo, nº 19, março 2015.

11 "a axiomática não tem necessidade alguma de escrever em plena carne, de marcar os corpos e os órgãos, nem de fabricar nos homens uma memória. Contrariamente aos códigos, a axiomática encontra nos seus diferentes aspectos seus próprios órgãos de execução, de percepção, de memorização.", AE, p. 332.

sempre forçando uma migração urbana dos pobres para a periferia. Nesse aspecto (esse assunto não será abordado com pormenores aqui, por falta de conhecimento de urbanismo histórico), poderia-se analisar a situação dos bairros Campos Elísios, Brás e Santa Cecília, fazendo uma comparação entre o início do século XX e o início do século XXI¹².

Quando a economia está parada, quando se vive uma crise esporádica ou flutuante, se *“força o capitalismo a multiplicar seus axiomas ao mesmo tempo que ele devia reproduzir seus limites numa escala cada vez mais ampliada (axioma de deslocamento do centro para a periferia)”* (AE, p. 335). Assim, será possível aproximar a *gentrificação da desterritorialização*? A desterritorialização de códigos e espaços também agrega uma reterritorialização, engendrada mutuamente. O apropriar traz um estabelecer, e viceversa.

Deleuze e Guattari também são comentadores de Marx e d’**O Capital**. Apresentam a circulação da moeda, entendida em fluxo de capital, como constituinte do ciclo de eterna renovação e do devir do capitalismo, ligada à repressão-recalcamento do sistema, figurada em Édipo e no Complexo de Édipo para a psicanálise e psiquiatria. O esquizofrênico, o Outro, o Diferente, circulando além dos limites, em territórios inóspitos e repudiados pela linguagem dominante, é o questionador, o pesquisador, o descobridor eterno de novas linguagens e meios, repudiando qualquer estratégia pré-estabelecida e cerceada e costurada num único sentido.

No final dos anos 60, com também o fortalecimento do Movimento Anti-psiquiátrico, com o pensamento de Marcuse (aliando Marx e Freud), além da escrita de Deleuze e Guattari, vinham a público as derivas situacionistas e seus vestígios, numa tentativa de nova geografia, novo urbanismo e nova cartografia, no diferencial psicogeográfico do cotidiano comum.

Refazendo um discurso a partir das noções de fluxo (das máquinas desejanças), presentes em Deleuze e Guattari, Bauman cunha o conceito de *modernidade líquida*. Define a sociedade como um ambiente amorfo, mutável e incerto. Mundo hostil às pessoas, com rumo para o declínio; em uma decadência social, público e privada. Esse sociólogo polonês, define a realidade como um local instável, em degradação e constante esfacelamento autodestrutivo. Através de uma escrita rápida e elaborações fugidias, coloca, como resistência, uma linha de atuação pouco clara e visível. Apesar de estar no olho dos furacões do movimento No-Global (ex.: Seattle, 1999), Bauman tem certeza de escrever¹³ sob uma conjuntura implosiva e em desagregação; caminho bem diferente, senão inverso, do caos criador - desestruturador e reestruturador - de uma entropia renovadora, como

12 BORIN, Monique Felix, historiadora e pesquisadora, expõe mudanças nos bairros centrais de São Paulo na passagem do século XIX para o XX, em tese de doutorado defendida em 2020, pela UNICAMP, **Experiência da urbanização na Santa Ifigênia e Liberdade: (des)caminhos da modernização de São Paulo nos bairros centrais (1886-1923)**, sob metodologia de história-serial, marxista, e do materialismo-histórico, ou seja, bem distante dos paradigmas do pós-estruturalismo.

13 BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro Zahar, 2001. A primeira publicação em língua inglesa foi em 2000. Com certeza a mercê das angústias catastróficas da virada do milênio, como analisado por Georges Duby no livro *Ano 1000, ano 2000 – na trilha de nossos medos*.

presente no pós-estruturalismo de **O Anti-Édipo**:

As máquinas desejantes se delineiam e despontam numa tangente de desterritorialização que atravessa os meios representativos e que ladeia o corpo sem órgãos. Partir, fugir, mas fazendo fugir. As próprias máquinas desejantes são os fluxos- esquizas ou os cortes-fluxos que cortam e ao mesmo tempo escorrem sobre o corpo sem órgãos (idem, p. 416)

A existência do esquizo¹⁴, do processo esquizofrênico (**O Anti-Édipo**) e do situacionista, em deriva psicogeográfica, é nômade e inapreensível. O incerto e o acaso são constantes, mas não reinam, não são opressores; podem ceder o espaço, a casa e a vez. Num sentido de jogo de figuração não-abstrata, existem regras para serem quebradas, alteradas e subvertidas. A desterritorialização é incontrollável, mesmo que vestígios dela possam sofrer apropriação e espoliação, será sempre mutável e iminente, mas nunca fixa e imanente. O corpo sem órgãos existe na indefinição possível ou na impossibilidade da definição. No deslocamento não existem caminhos e descaminhos. Prossegue-se. Mesmo deixando rastros para serem esquadrihados e violentados, o corpo sem órgãos será sempre incólume, inominável, indiscernível, mas trazendo ímpetos de desejo destruidor, para semear a tempestade.

A prática do nome múltiplo – nômade, desviante, indomável (esquizo?) - é parte integrante de um questionamento do sujeito e do indivíduo na sociedade ocidental. Luther Blissett é um nome que pode ser usado por qualquer um, independente de quem seja. Esse nome ficou muito famoso na metade dos anos 90, nos arredores de Bolonha e Pordenone, na Itália. A refutação do paradigma dicotômico da ideia (ideia separada do corpóreo-material, enquanto sistema exclusivo de pensamento, e não parte do sistema corpo-mente-ambiente-real-virtual) e a negação da tese (tese enquanto parte de projeto para aprisionamento do corpo-mente-ambiente-real-virtual) de uma individualidade isolada, separada de um contexto social, pode ser associada ao uso do nome múltiplo. Assumir uma identidade coletiva, uma singularidade-múltipla (como é dito em **Mind Invaders**, de autoria de Luther Blissett), pode ser uma prática da não-separação entre sujeito e objeto, entre *eu* e o *Outro*. Assim, não é impossível aproximar o con-divíduo Luther Blissett do pós- estruturalismo de Deleuze e Guattari. O nome múltiplo não tem limites, é contínua desterritorialização e reterritorialização.

Com certeza, **O Anti-Édipo** pode ser lido como uma grande crítica ao sujeito ocidental. Pode ser lido, talvez, como uma proposta para difusão de singularidades, como uma difusão descentralizada, em camadas espiraladas, dos nomes múltiplos. Após ter-se falado do triângulo pai-mãe-criança, que não deve ser visto como um abrigo social ou ser considerado uma essência (uma explicação unitária) do sujeito, **n'O Anti Édipo**, além da desconstrução da ideia de indivíduo isolado, são criticadas as normas sociais e

14 E ainda: "Do esquizo ao revolucionário há somente toda a diferença que existe entre aquele que foge e aquele que sabe fazer fugir aquilo de que foge, rompendo um tubo imundo, fazendo passar um dilúvio, libertando um fluxo, recortando uma esquiza. O esquizo não é revolucionário, mas o processo esquizofrênico (de que o esquizo é só a interrupção, ou a continuação no vazio) é o potencial da revolução" (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 452)

nosso aprisionamento em papéis familiares. O situacionista Vaneigem, por sua vez, nota a violência dos papéis sociais que assumimos e aos quais nos submetemos em **A arte de viver para as novas gerações** (2002), publicado na França em 1967.

Toda subcultura nasce de questionamentos: a) da moral, b) da padronização dos usos e c) das tradições e enrijecimentos amentos da sociedade. Um *todo* que é uma parte entre as partes, é preciso atentar-se aos fluxos e aos liames mutáveis. O uso do nome múltiplo...

[1. Ray Johnson e Reggie Dunlop entre os Tamariani] “(...) É antes uma deriva entre os fenômenos e os sinais de uma nova forma de pensar e querer mudar a vida. Hoje é possível realizar a unidade essencial entre sonho e ação, com o propósito de libertação total; para isso é preciso se livrar de uma vez por todas do conceito de In-divíduo (noção profundamente reacionária, antropocêntrica e estritamente ligada ao conceito de copyright) em nome do [Con-]divíduo, ou seja, de uma singularidade múltipla cujo perfil acarreta novas ideias de “responsabilidade” e de “vontade”, nada tem a oferecer aos juristas e magistrados. Cada corpo-mente singular (cada -divíduo) é atravessado por vertiginosos fluxos de comunicação que, indo além dos limites do corpo individual, criam uma comunhão elástica entre as singularidades, a condividualidade. O Copyleft, o plágio, os múltiplos nomes, todas as práticas de rede contracultural... Essas são etapas importantes na jornada da espécie humana em direção à condividualidade (BLISSETT, 1994)

A coletividade presente nas lutas sociais, a não-centralização dos corpos rebeldes e as formas difusas de comunicação podem ser encontradas nas noções de multiplicidade, fluxo e (com)partilhamento presentes em Deleuze e Guattari; como exemplo não recentíssimo, podemos nos voltar aos Zapatistas de Chiapas. Em *Mind Invaders* (apanhado histórico dos antecedentes do con-divíduo Luther Blissett), o subcomandante Marcos comparece como um nome-múltiplo, elo coletivo de rede de transaldeias indígenas. O passamontanha de uso amplo entre os Zapatistas, não nega a identidade, mas evita a identificação:

[Entrevista de Coleman Healy (Luther Blissett) com Luther Blissett] Tínhamos começado uma correspondência com o Marcos, mas depois de um tempo as cartas que mandei para o endereço dele na Cidade do México começaram a voltar para o remetente. De qualquer forma, não acho difícil acreditar que ele tenha feito até contatos indiretos com os Zapatistas. Pelo que sei, em Chiapas, eles adotaram a prática de nomes múltiplos de acordo com as necessidades locais, que são claramente muito diferentes das nossas [Coleman Healy é um *body-artist* americano]. Acho que é uma experiência de luta interessante justamente porque - como diz o subcomandante Marcos - não tem nada a ver com as guerrilhas revolucionárias do passado na América Latina. Pelo contrário, acho patético que muitos intelectuais e camaradas na Europa corram para dar sua solidariedade nominal e para tirar a poeira das velhas camisas de Che Guevara. (...) O ícone Marcos é um ícone aberto e, assim, vivo: seus contornos são elásticos e tracejados (idem, 1994)¹⁵

15 Tradução nossa. [Intervista di Coleman Healy (Luther Blissett) a Luther Blissett] “(...) Con Marcos avevamo iniziato una corrispondenza, ma dopo un po' le lettere che spedivo al suo indirizzo di Città del Messico hanno cominciato a tornare al mittente. Ad ogni modo non faccio fatica a credere che possa avere preso contatti anche indiretti con gli Zapatisti. Da quel che so nel Chiapas hanno adottato la pratica del Multiple Name secondo le esigenze locali, che sono chiaramente molto diverse dalle nostre. Credo sia un'esperienza di lotta interessante proprio perché - come dice il subcomandante

Em seu texto *Mind Invaders*, Luther Blissett fala do não-pertencimento a um território, lembra das figuras do judeu-errante e do cigano, vítimas do racismo e da rejeição. Esse nomadismo, que se desvincula de qualquer lugar, livre de qualquer amarras e em contínua readaptação, se relaciona em grande parte com o conceito de desterritorialização. Tanto no fluxo, quanto no trajeto, na deriva, no deslocamento, no nomadismo, na desterritorialização e no não-pertencimento nada permanece, tudo segue seu curso, tudo escorre, nada é capturado e nada é enclausurado ou restringido. A psicogeografia e os mapas psicogeográficos são registros e marcas disso.

[em: 4. Arma Imprópria] o psicogeógrafo é o nômade consciente que atravessa o território e o vive, recebendo cada sensação que este lhe devolve e traçando mapas transversais que não poderão nunca ser instrumentos de dominação, ocupação e muito menos decerto de identidade. Qualquer um que adote esse modo de viver - como o astuto jogador de D&D¹⁶ - não irá reagir à expropriação do espaço tentando criar um próprio oásis onde esperar a extinção. É o que ainda permitiria aos hierarcas de plantão jogar com a representação: de circunscrevê-lo, de identificá-lo no mapa de certo e finalmente esmagá-la. A aposta é justamente aquela de quem quer evitar a sustentação passiva do espaço sem se identificar com ele por causa disso. Em suma, de quem quer navegar nele livremente portanto, interagindo o máximo possível com cada ponto dele (ibidem, 1994)¹⁷

O território está estritamente ligado à individualidade e à identidade, segundo Luther Blissett. De um lado, para permanecer incapturável, uma pessoa pode variar nomes ou adotar nomes múltiplos, como estratégia de sobrevivência num ambiente artístico ou cibernético. Por outro lado, de maneira perspicaz, subversiva e peculiar (em relação ao usual do nome múltiplo), os zapatistas querem defender Chiapas, seu próprio território, negado pelo capitalismo, preservando suas identidades ancestrais fazendo o uso da não-identificação, pelo *pasamontaña*, como estratégia de resistência. Assim, a prática do nome múltiplo tem contextos específicos.

Marcos - non ha niente a che fare con le passate guerriglie rivoluzionarie dell'America Latina. Trovo anzi patetico che molti intellettuali e compagni in Europa corrano a dare la propria solidarietà nominale e a rispolverare le vecchie magliette di Che Guevara. (...) L'icona Marcos è un'icona aperta, cioè viva: i suoi contorni sono elastici e tratteggiati (...)"

16 *Dungeon & Dragons* foi um dos primeiros jogos de R.P.G. (Role Playing Game) a ser comercializado. Se joga sempre com um Game Master (Mestre do Jogo), que conduz as personagens através de cenários imaginários e fantasiosos, propondo problemas, dando alternativas de escolha e alterando soluções. Em *Mind Invaders*, há a sugestão de ir além da liderança do GM, as personagens podem encontrar escapatórias que não constem nos planejamentos dele, assim, causariam um motim dentro do R.P.G..

17 Tradução nossa. [4. Arma Imprópria] "Lo psicogeografo è il nomade consapevole che attraversa il territorio e lo vive, recependo ogni sensazione che esso gli rimanda e tracciando mappe trasversali che non potranno mai essere strumenti di dominio, di occupazione e tantomeno quindi di identità. Chiunque assume questo modo di vivere le cose - come lo scaltro giocatore di D&D - non reagirà all'espropriazione dello spazio cercando di ritagliarsi un'oasi tutta sua in cui attendere l'estinzione. Questo è quello che consentirebbe ancora ai gerarchi di turno di giocare con la rappresentazione: di circoscriverlo, di individuarlo sulla mappa appunto e infine di schiacciarlo. La scommessa è proprio quella di chi vuole evitare di subire lo spazio passivamente senza per questo identificarsi con esso. Di chi vuole navigarci dentro liberamente insomma, interagendo il più possibile con ogni suo punto." 54 ARTAUD, Antonin. **Heligabalo ou o anarquista corado**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982, p. 91.

c) GOZO MÚLTIPLO E IMPERATIVO DA EUFORIA

Quando Antonin Artaud escreve sobre Heliogabalo, o cruel imperador romano ressuscita, é um demônio de desejo e sexo; reúne opostos, cria uma unidade solar (livre de qualquer caráter de síntese), fluxo total de paixão destrutiva; a torpeza e a amoralidade impõe uma lógica que escarnece de todo domínio, mas impera, numa efusão de paixões desordenadas e desgovernadas. Heliogabalo escapa a qualquer definição, porque é múltiplo, é um sol em gozo que cega, traz a euforia da vida e queima também. O caminho é aquele que não pode ser contido: “(...) Onde os romanos acusam anarquia é em Heliogabalo fidelidade a uma ordem, o que significa que este cenário caído do céu sobe ao céu por todos os lados (...)”¹⁸.

Heliogabalo é o Sol, institui o próprio culto. É presente, na terra, nas rochas, nos seres e criações:

Há pedras que vivem como as plantas e os animais, e como pode dizer-se que o Sol, com as suas manchas que se deslocam, incham e desincham, se babam umas às outras e voltam a babar-se e deslocar-se - e quando incham ou desincham fazem-no ritmicamente e desde dentro - como pode dizer-se que o Sol vive. As manchas surgem nele como um cancro, como os bubões efervescentes da peste. Há ali matéria pulverizada e que se condensa - como pedaços de sol triturados mas negros. Pulverizados, ocupam menos lugar; e no entanto é sempre o mesmo sol, a mesma extensão e quantidade de sol mas a espaços extinto e lembrando então o diamante e o carvão. E tudo isso está vivo; e as pedras sírias vivem como milagre da natureza: são pedras atiradas do céu (ARTAUD, 1982, p. 20)

As manchas nessa pintura, nessa memória histórica de Heliogabalo, têm lugar, necessidade e importância para Artaud. A vida é esperma, menstruo, baba, merda. O abjeto não pode ser negado, a pústula, a gangrena e as células cancerígenas são expostas, têm uma urgência inegável, porque desumana, como nos parece. A vida pulsa num corpo, gerado pela terra. Escritas da terra sempre serão coordenadas geográficas incógnitas, porque infundáveis, em veios de possibilidades. Natureza é transformação e destruição, cursos de rios extravasam ou fedem, aproximação, contaminação, morte e cura. Veias de sangue e linhas da carne, alvéolos, nervos, ligações neuronais vem como mapas sem território, ainda, sempre em fluxos de possibilidade. As grafias de sinais ainda não nascidos, indefinidos - os significantes de significantes -, procuram uma linguagem tanto desnecessária, quanto insuficiente; nada pode nos aplacar ou bastar. O deslocamento do Sol é tal qual o arrebatamento de Heliogabalo, o entusiasmo no movimento e *uma insaciável febre de espírito* (ARTAUD, 1992, p. 103).

Heliogabalo-Sol-Gozo-Múltiplo pode ser uma arborescência para Deleuze e Guattari, uma potência geradora de descaminhos e de rizomas. A arborescência é uma formação radical; uma formação biológica que não apresenta as características nem de uma estrutura-tronco e nem de uma multiplicidade de filamentos rizomáticos. A arborescência é

¹⁸ ARTAUD, Antonin. *Heliogabato ou o anarquista coroadado*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982, p. 91.

um espaço entre, típica de arbustos, não tem uma via central ou axiomática, mas é devir ou vir-a-ser. O rizoma é uma formação radicante, de multiplicidade, sem estrutura, sem centralidade, indiscernível e sem limites. Assim como a arborescência está para o rizoma, o centro está para a periferia, o molar está para o molecular, a reterritorialização está para a desterritorialização e assim sucessivamente; nessa contenção- explosão, nessa sístole-diástole, nessa inspiração-expiração e assim sucessivamente. É um ciclo e um fluxo. Existe um trâmite constante entre definição e indefinição; desse devir, daquilo que está além, da percepção de limites e descontinuidades. Heliogabalo-Sol-Gozo-Múltiplo deixa desertos por onde passa, mas vai ao absurdo das multiplicidades de desejo; o deserto não tem limites e é vida em potencial, nada impede, porque tudo pode mudar.

O molar é algo central, definido, estrutural e constituído; pode ser tomado como contraposição ao molecular, periférico, indefinido, disforme e inapreensível. Apesar dessa aparente dicotomia, o molar se torna molecular e o molecular se torna molar, porque permanecem ambos no âmbito da multiplicidade, que vai além de um pensamento dicotômico, que apresenta opostos consolidados, rígidos e definidos¹⁹. A contraposições Mente/Corpo, Ser-humano/Natureza, Habitante/Cidade, Indivíduo/Ambiente são exemplos de pensamento dicotômico. O que nos ensina a crueldade desejante de Heliogabalo-Sol-Gozo-Múltiplo? Ele não é um Sol-Olho-Ovo-Estrutura, é um Ser cambiante porque faz parte de uma multiplicidade rizomática híper-relacional, fugaz e indomável.

Resta saber como conseguimos lidar com nossas máquinas desejantes; nossos desejos de multiplicidades, reconhecendo que nunca será possível silenciá-los. Algumas pessoas vivem como nômades, no limite – as Pessoas-Lobo²⁰ em matilhas, ingovernáveis, desconhecidas, selvagens, na busca, solitárias, mas não sozinhas. Resta descobrir em quais tramas podemos nos reconhecer, em quais guerrilhas, em quais resistências, mesmo que não saibamos até o fim qual foi nosso papel em lutas para nossos sonhos, em liberdade.

d) TÃO LONGE, TÃO PERTO

É bem capaz que Charles Baudelaire (1821-1867) foi o primeiro homem-de-letras a compor mapas-psicogeográficos. A colêanea de poemas **As Flores do Mal** foi pela primeira vez publicada em 1857, portanto nos anos iniciais das reformas do prefeito Haussmann. Circulando por uma Paris não-gentrificada, decadente e decrépita, Baudelaire registrou versos que encantaram Walter Benjamin na primeira metade do século XX. O poeta francês vagou por uma Paris, noturna, soturna, fria, de velas e antros sujos, indiscernível numa neblina pútrida, de esgotos a céu-aberto, habitada por gente empobrecida, ignorada e abjeta. De certo, não é possível perdoar Baudelaire, da mesma forma como não seja possível perdoar ninguém. Nos poemas vemos misoginia, misantropia, luxúria e gerontofilia; como

¹⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

²⁰ Idem, *Um só ou vários lobos?*, pp. 51-67.

também aversão, endeusamento e mistificação da miséria, por exemplo. É impossível dizer se os poemas, na verdade, estão por trás de máscaras (possivelmente), camadas da pena de um poeta-maldito que não quer ser colocado num pedestal, mas quer ir abaixo dele, talvez, o primeiro punk-gótico.

Minha razão debalde ao leme se agarrava;
A tempestade lhe rompia a quilha e as cordas,
E minha alma, ó naufrágio, dançava, dançava,
Sem mastros, sobre um mar fantástico e sem bordas.
(BAUDELAIRE, 2015, "XC. Os Sete velhos")

Não é exagero ler nesse trecho um amálgama de razão-alma-corpo. Antes da Teoria Corpo- Mídia e Antônio Damasio, podemos ver aqui uma proto-enucleação dessa maneira de encarar a vida. E ainda, Baudelaire, em meio a ebriedade do álcool (ou do ópio?) tem alucinações, é o inconsciente que não se diferencia mais do consciente e a metáfora do barco é facilmente aproximada à deriva situacionista, o *détournement* para sair de qualquer controle. E a urgência, a explosão em gozo numa Paris que não se pode conter em si, de si, para si; nela, dela e através. O corpo que dança vai além da presença, é *sem bordas*, mas está no *mar fantástico*, o sagrado feminino, da água que dá vida e liberdade, onde tudo é possível. O *sem bordas* pode ser, porventura, uma antecipação do tema da *desterritorialização-reterritorialização*. Para algumas pessoas isso possa ser rede imaginária forçada, além dos limites, mas isso não é de todo ruim, para nós. Seria, com certeza, horrível se todos sempre consentissem e concordassem com tudo e todas as coisas. Talvez, até quem escreve, se arrependa dessas linhas no futuro, mas, por hoje, *não*.

e) SONHOS A OLHOS ABERTOS

Solicita-se ao público que proteja as áreas plantadas. Se é verdadeira a teoria que diz que a sensação não se aloja na cabeça, que sentimos uma janela, uma nuvem, uma árvore não no cérebro, mas antes no lugar onde as vemos, então também ao olhar para amada estamos fora de nós. (BENJAMIN, 2013, p. 9)

Percepções, paisagens e passagens estão sempre conosco. Palavras são memórias de tempos idos, num desvencilhar de linhas de tempo de romances perdidos no espaço. Nós podem ser feitos e desatados para envolvê-los em outros nós. Poderia-se até dizer que as palavras da citação acima vem de Merleau-Ponty, mas é Walter Benjamin (1892-1940) seguindo por caminhos paralelos, em trilhas que antecipam menos a neurologia, mas mais são registros da fome, do suor, do trabalho, do sofrimento e das paixões num mundo cotidiano regido por ruínas intransponíveis. Os burgueses, (*esses burgueses!!*, tão odiado pelo poeta-maldito), daqueles desprezados por Baudelaire, são denunciados como assassinos eternos, nas palavras do intelectual alemão da Escola de Frankfurt, ao

citar Edgar Allan Poe. Esses burgueses mascarados, achando que a vida é um carnaval, invejados em sua atuação pela *classe-média-baixa de Weimar*, desbotada na sua indiferença, almejando status a todo custo; é escória-social e base do fascismo de Hitler; é desprezada por Benjamin, Brecht e também Wilhelm Reich. Gentinha miúda, frustrada e embotada, com medo do Outro, da sensibilidade dos bichos (quer fechar os olhos) expurga tudo com ódio, abate quarteirões e casas antigas, reduz florestas a cinzas; isto é, sem sujar as mãos, mas consentindo, afirmando-se em sua própria ignorância; pisando em sonhos como qualquer coisa supérflua. Sonhos que devem manter- nos acordados; sonhos mesurados, medidos, mastigados e compreendidos. Apesar de tudo, em qualquer situação, sempre haverá resistência. Nunca é demais dizê-lo: estamos vivos. Somos entorno, pessoas, ambiente e corpo. Nunca nada está por si, como vivendo em destacado.

Antiguidades, Mapa antigo. A maior parte das pessoas busca num amor a pátria eterna. Outros, porém, muito poucos, a eterna viagem. Estes são os melancólicos, e têm motivos para temer o contato com a mãe-terra. Procuram aqueles que poderiam manter afastada deles a saudade da pátria. A esses são fiéis. Os livros medievais sobre a doutrina dos temperamentos conhecem bem a nostalgia desse tipo de homens pelas viagens longas. (idem, p. 27)

Não é impossível aproximar esse trecho em Benjamin dos encontros de Deleuze e Guattari com as desterritorializações-reterritorializações. Nossa obra nunca acaba, somente com a morte. O texto deve ser sempre ruminado, através de sempre novas conexões e reelaborações, como num álbum de filatelia. Os pormenores tratam de dimensões expandidas e expansivas; uma coleção nunca acaba: basta ter olhos. No final dos anos 20, Benjamin escreve sobre os marinheiros sem pátria, os quais reconhecem os portos pela maneira de cozer (coser) o peixe; o importante mesmo é conhecer lugares onde se recompor: bares, tabernas e bordéis. Todo país tem semelhanças e semelhantes, sempre com diferenças, mas não importa, porque a fome do mar, a ânsia e expectativa para deixar a terra firme vai encontrar momento e memento. Nunca encontrar pouso mantém a jornada, o nomadismo não é algo a ser evitado. Pensar somente e exclusivamente no que foi deixado para trás paralisa. Não podemos andar de costas, a espera de uma punhalada. Nossos caminhos e desvios fazem parte de nós.

Aos 26 anos, a aparição de Walter Benjamin em **Rua de Mão Única** é materialista sim, mas sonhadora, dotada de uma consciência impressionista do perdido e da provável derrota; vem uma amargura voltada para a ação, um cansaço para mostrar a necessidade de se revigorar.

Madame Ariane, segundo pátio à esquerda. Transformar a ameaça de futuro num agora realizado, o único milagre telepático desejável, é obra de uma presença de espírito que passa pelo corpo. [...] A felicidade das próximas vinte e quatro horas depende de sabermos ou não agarrá-lo [o tecido da roupa para o presente] ao acordar. (ibidem, p. 44)

Por outro lado, há o fantasma do tempo perdido, de uma memória de esperança, de

uma nostalgia necessária para seguir em frente. **Rua de Mão Única** não tem uma direção só (ironicamente); vêm fragmentos disponíveis para decifrar o temor dos tempos ; vêm epígrafes, imagens, formas, afirmações, pontos, aforismas, costuras, lembranças, notas guardadas numa gaveta ou na lapela do paletó; vêm letras²¹ como rasuradas num saco-de-pão, esquecidas debaixo da máquina-de-escrever, vinda de presente de um amigo, mas nunca utilizada. Há uma aposta na escrita.

Em dados de momento, em registros urbanos (de certo, antecedentes aos registros psicogeográficos) olha-se para o cotidiano dos trabalhadores, dos estrangeiros; desvencilha-se a razão endurecida das maquinarias de um parque-de-diversões, encontra-se sentido nas cores das estações, o escritor define-se pelo desprezo dos interiores burgueses. O *flâneur* não é somente um ser em êxtase, encantado pelo urbano, mas é ácido e revolucionário²²:

Mercadoria a granel: expedição e embalagem De manhã cedo, atravessava Marselha de automóvel para apanhar o trem, e à medida que passavam por mim lugares conhecidos e outros desconhecidos, ou outros de que só vagamente lembrava, a cidade, nas minhas mãos, transformava-se num livro ao qual ainda deitava uma rápida vista de olhos antes de ele desaparecer da minha vista no caixote do sótão, sabe lá Deus por quanto tempo. (ibidem, p. 38)

O souvenir, o produto ou a foto não podem substituir a experiência: a mercadoria faz deixar de lado a experiência vivida. O livro, a transcrição da cidade, condensa uma cidade não percebida, não experienciada. O tempo da máquina acelera o corpo para um lugar onde a memória não é deixada a vista; corpo convivendo no mesmo espaço do depósito das coisas esquecidas, mas que ainda estão lá. A escrita só tem sentido quando conjurada com a ação.

f) CONTRAPONTO

Como podemos notar (neste nosso trabalho), nada é muito aprofundado. Nos movemos por referências e algumas notas para manter uma escrita consideravelmente acadêmica; mas vemos nessa nossa pesquisa, de forma majoritária, uma deriva textual sem muita elaboração, transcorrendo numa leitura rápida de escritas outras, evitando a digestão por escolha, e não por necessidade. Esta é a linguagem do flerte, do flamar, do surpreender-se e do extasiar-se com a velocidade não do trem ou do cinema, mas do scroll²³, do feed das redes-sociais. O que significa isto? Nossa leitura é como escorrer a tela dos posts, das avalanches de publicações, da alimentação da internet; passando mais por imagens do que qualquer outra coisa, imersos em espetáculos absurdos e distópicos, e com uma leitura rápida, vendo palavras e deglutindo imagens, com uma fome urgente dos

21 BENJAMIN, 2013, *Atenção aos degraus!*, "O trabalho numa prosa de boa qualidade tem três níveis: um musical, o da sua composição, um arquitetônico, o da sua construção, e por fim um têxtil, o da sua tecelagem.", p. 15.

22 idem, *Alarme contra incêndio*, "É preciso cortar o rastilho antes que a centelha chegue à dinamite. Intervenção, risco e rapidez do político são coisas técnicas – não cavaleirescas.", p. 30.

23 <https://www.merriam-webster.com/dictionary/scroll>

fantasmas da necropolítica, de dados associados e indexados, permitidos por praticidade, procurando encontrar e sentir o eu-corpo-mente-ambiente-real-virtual, sendo sugados num vórtice de mortes acumuladas, pré-datadas, sub-notificadas, ignoradas, lidando com nossas vidas como uma vista apressada nos antigos jornais analógicos durante o café-da-manhã, sem mastigar com a devida lentidão recomendada pelas estatísticas médicas (muitas vezes entuchando o café, somente o café). Nos daremos por vencidos? Ainda existe um charme na derrota.

Em **Formação e Desconstrução**²⁴, Paulo Arantes estabelece um justo, exato, eloquente e elegante contraponto a praticamente todos os pressupostos dessa nossa pesquisa. Na chamada *Ideologia Francesa*, o professor e editor, enxerga um modernismo tardio; perpetrado por uma juventude-conservadora que, acreditando-se bem-intencionada, contribuiu para o agravamento das condições sociais desses tempos em que vivemos. O que seria a *Ideologia Francesa*? Seria o *pós-estruturalismo* e a *desconstrução*; Deleuze, Guattari, Derrida e Foucault não são arautos de um sistema oposto à *estrutura*; não trazem nenhuma novidade, porque propõe uma *nova* estrutura rígida e não porosa, nada fluída e tendente ao domínio cultural, como é de praxe no pensamento filosófico europeu; acabando por defender um tradicionalismo ao qual supostamente julgam se opor. No confronto entre **Formação e Desconstrução / Ideologia Francesa** nos deparamos com caminhos de pensamento que não se encontram, mas são vozes em relação mútua, uma voz sempre tendo percepção da outra, mesmo por caminhos distintos.

A *Ideologia Francesa*, na prosa ácida e ferrenha de Paulo Arantes, seria moderna como a velha crítica ao Iluminismo, vagando num território de desencantamento do mundo, numa negação do *Conceito* sem tomada de posição, portanto não-niilista, numa rebeldia fajuta; nem o *Espírito* de Hegel, nem o *Eu-sobre-o-Nada* de Stirner e nem o *Além-do-Homem* de Nietzsche. A *Ideologia Francesa* seria um desenvolvimento de momentos da filosofia de Hegel, no ponto onde só se poderia conhecer o mundo por mediação, não podendo perceber realmente o Objeto, como caberia ao Sujeito; no *sistema* em que estamos, só podemos agir segundo as regras, a Ideologia, desse mesmo *sistema*. Se não é considerada a diferença entre Sujeito/Objeto, consente-se uma paralisação conservadora, defendida por frases-de-efeito. Deleuze, Guattari, Derrida e Foucault, mesmo acreditando repudiar conceitualizações rígidas, mostram uma bravata de pensamento radical e revolucionário, o qual forneceu a base, absurdamente, para o pensamento *pós-moderno* americano, qual tende à direita e se esquece do social, do mundo material, permanece centrado num mundo só de Letras.

Segundo nossas concepções, a deriva, o *detournmént* situacionista, foi e é ocupação de espaços urbanos, é busca de espaços na realidade; sob um sonho acordado, um sonho interpretado depois do primeiro café-do-dia, como se fosse somente este, numa verve urgente de plantar os pés- no-chão, na planta: metatarsos ativos, calcanhares firmes,

24 ARANTES, Paulo Eduardo. **Formação e Desconstrução: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2021.

mas com mobilidade, direcionando-se para fora, pela aquisição da consciência de que o *fora* já está aqui, *dentro* de nós. A deriva é estudar a vinculação das coisas como nos afetam, sendo parte e não-parte delas. Somos pessoas envolvidas em escolhas, partindo em busca de novas ou velhas alternativas, sempre interpretadas e relacionadas (entre si, fora de si, dentro de si, a partir de si). Queremos nos distanciar de armações segregadoras, condicionantes e conservativas, destapar a caixa fechada-à-vácuo, numa não-grafia que vá além da escrita automática. É a vida diária como pode ser, deveria ser: sempre em batalha. Somos Matéria de Sonhos. A crítica ao *status quo* vem sido feita, há muito tempo, por boa parte da sub-cultura, também de nossas destruídas e devastadas terras brasileiras. Quando não é mais possível ser vago ou vaguear, nada mais importa, nada mais nos atinge e nada temos a perder. O desvario capcioso sempre irá servir para algo, nem que sirva para ser criticado.

g) DES-DOBRA-MENTES

Nesse panorama de embates entre *estruturalismo*, *pós-estruturalismo*, *sujeito*, *objeto*, Haroldo de Campos vê similaridades entre Hegel e Mallarmé. O poeta francês é cotado por Paulo Arantes como *queridinho* da *Ideologia Francesa*, mas é mesmo. Em contrapartida de tudo isso, o ensaio *Caos e Ordem: Acaso e Constelação* (CAMPOS, Haroldo de, 2010, p. 193) traz a vista uma *estrutura* muito estudada e bem fundamentada em *Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso*. O poema francês foi fruto de vasto e profundo trabalho; percorremos a poesia do berço para uma pluma, escultura fugaz de frágil vidro em constelação hiper-trabalhada.

h) REDE DE RASTILHOS OU O FOGO VEM DE TODOS OS LADOS

Os algoritmos fazem uso de ampla gama de dados digitais acumulados com a finalidade de promover, explicar ou direcionar comportamentos humanos. Essas informações, sob o poder das máquinas, são agrupadas em rede, e estabelecem uma lógica sempre mutável, para prever ameaças a alguma ordem social, garantindo o *bom* funcionamento de um dado sistema ou organização, estabelecendo finalidades para pessoas, que têm suposta liberdade de escolha.

A lógica digital dos algoritmos delimita a adaptabilidade humana; só podemos desejar aquilo que nos é permitido. Em código de ações e possibilidades cerceadas, impera um ambiente de vigilância tramando necessidades, impondo *escolhas* e não apresentando possibilidades. Onde estão os espaços de desejo? Muitas vezes, um termo de atualização de aplicativo avisa que mudaram os *direitos* de privacidade, é colocada a *escolha* de aceitar ou não; em caso de resposta negativa, o usuário será obrigado a desinstalar o aplicativo em questão, porque se revelaria inutilizável. Quais são as medidas das nossas necessidades? São realmente individuais? Os algoritmos são consultoria de moda invisível aos nossos

olhos. Os algoritmos, de fato, mostram propaganda que se insere nos nossos usos da internet, indicam produtos e incentivam novas compras. A propaganda controla vontades e comportamentos, desde sua mais ampla difusão nos EUA nos anos 50. Naquela época e território, os anúncios foram arauto do *american-way-of-life*; por acaso, mostrando a necessidade da aliança da mulher à máquina, por meio dos eletrodomésticos e da comida enlatada, tendo em vista a praticidade. Não havia internet, a fofoca mantinha o *status* de família bem-sucedida, que era senhora do tempo, dominava o dia-a-dia, com ordem, limpeza e disciplina. Tempo *livre*? Tempo *livre* usado para assistir TV nos anos 1950 ou Netflix em 2020? Todas as pessoas não fazem nem ideia, mas trabalhamos de graça e sem carteira assinada para algoritmos e grandes gigantes da informática.

Se a vida é o *caos*, os algoritmos escolhem e impõe uma *ordem* a esse *caos*. A lógica dos algoritmos, através da pseudo-ética da vigilância, estabelece um estado de coisas que pode, inclusive, tanto garantir a primazia global-financeira das grandes gigantes da informática, quanto promover a difusão das fake-news, que beneficiam partidos conservadores que combatem direitos- sociais e oferecem grande espaço para a iniciativa privada e o crescimento das grandes riquezas. Vamos falar sobre vigilância. Os *situacionistas* propunham derivas no final dos anos 60. Durante os anos 70, com a difusão das *performance-art*, o surgimento de pequenos grupos e coletivos de dança, podiam-se presenciar manifestações artísticas em quase todo lugar, nos grandes conglomerados urbanos dos países desenvolvidos. Hoje, as grandes cidades contam com um esquema de segurança digital em praticamente todo lugar: câmeras, catracas, crachás, documentos, cartões financeiros, celulares, faróis, faixas, sons, sinais, portas e máquinas automáticas, bilhetes magnéticos... A intervenção humana vai sumindo. Uma performance que fuja do comum num ambiente público ou privado de larga concentração de pessoas vai chamar atenção de algum segurança. A vigilância, muitas vezes, agora é público-privada, com vasto compartilhamento de informações até por via ilegal, como rede e grupos de What'sApp de policiais, vigias e *agentes da ordem*. De maneira geral, com justiça ou injustamente, toda pessoa por bem ou por mal pode denunciar, incriminar ou eliminar. Motivos, provas, comentários e fotos, que atestem algo, podem sempre aparecer. Fala-se hoje da *cultura do cancelamento*, praticada em um fast-food de *amizades* virtuais; ausência de diálogo e bloqueio na internet. Nossa personalidade pode oferecer-se, mostrar-se ou esconder-se, numa lista de descrições numa rede-social ou num aplicativo de namoro. A realização de qualquer coisa está concentrada na rede de vínculos e relações, não reside num âmbito jurídico-legal, mas sim de conveniência e confirmação. A delimitação do criminal já saiu faz tempo do âmbito jurídico- disciplinar-coletivo, não existe mais um centro de controle único.

Se uma deriva psicogeográfica-presencial seria hoje rastreável e impedida, caso não se rendesse aos moldes do comportamento *sensato*, *quotidiano* e *organizado*, a deriva virtual também não é livre. Não temos controle nem sobre o uso que fazem de nossos dados e nem sobre quais dados nossos foram assimilados. É comum a máquina ser mais

garantia de confiança do que o ser humano, basta consultar um robot de atendimento telefônico, dados cadastrais, protocolos ou gravações. A máquina é, por origem, dotada de exatidão, desde o tempo do relógio, da disciplina, presteza, organização e limpeza. **A navegação nas telas e a deriva fora das telas são controladas.** Montanhas de dados críticos ou questionadores da miséria de nosso estado de coisas parecem inúteis para qualquer tipo de mudança em nosso mundo atual. Os situacionistas não eram partidários da *situação*, mas *criavam situações* poéticas que fugissem ao conservadorismo, tédio e o marasmo de Paris pré-Maio de '68.

Hoje, a criação de *situações* digitais envolvem um vasto trabalho, porém divertido também. Promovendo a atualização das práticas dadaístas do entre-guerras europeu, correntes artísticas de subcultura se manifestam através do engano e do despistar contra algoritmos, fazendo amplo uso de derivas e alimentação *non-sense* nas redes-sociais. Esse modo-de-existir, não-existir ou des-existir, nas redes (nomes-múltiplos, con-divíduos, perfis-fake), impedido, barrado, pirata, rejeitado, desimpedido, ilegal, desregrado, pode ser caracterizado como uma piada *nerd* ou uma amenidade esquisitona, pelo menos pode ser engraçada e poderia servir de maquiagem caso o conservadorismo fosse perseguir ainda mais os movimentos-sociais.

i) NÃO VAI ACABAR NUNCA

"Sejas tudo porque não deves nada [...] Não temos necessidade nem de rezas e nem de mandingas mas de um sentido mais sagaz da poesia vivida [...] *Sejas aquilo que desejas e tornas-te aquilo que és*"²⁵, Raoul Vaneigem escrevia em 1996. Antes da virada do milênio, os ânimos ocidentais estavam acesos para mudanças, tramas e encontros, que ocorriam no torvelinho da AGP (Ação-Global-dos-Povos), do FSM (Fórum Social Mundial), dos Movimentos Anti-Globalização e da resistência do EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) e do subcomandante-Marcos. Muitos acreditavam nas maravilhas da internet, mas Vaneigem, ainda com o espírito de Maio de '68, já mostrava a potência destruidora do pacto entre Estado-Mercado-Financeiro-Corporações- Mundo-Digital. Ainda assim, continuava nas mesmas teclas da sinfonia da revolta, do desejo, da percepção de um Outro Mundo Possível. A Vontade de Viver rompe amarras em toda situação inóspita, traiçoeira e desumana. É preciso seguir, porque não há escolha. Nunca nos daremos por vencidos.

São Paulo, 3 de setembro de 2021

25 Tradução nossa. "Tu puoi tutto perché non devi niente [...] Non abbiamo bisogno né di preghiere né di incantesimi ma di un senso più acuto della poesia vissuta [...] 'Sii quello che desideri e diventa quello che sei'" VANEIGEM, Raoul. **Noi che desideriamo senza fine**. Torino: Bollati Boringhieri, 2017, p. 104 e p. 114.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

ARANTES, Otilia. **Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Formação e Desconstrução: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2021.

ARTAUD, Antonin. **Heliogabalo ou o anarquista coroado**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982. BAUDELAIRE, Charles. "XC. Os Sete velhos". IN: **As flores do mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. BATAILLE, Georges, **História do olho**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BENJAMIN, Walter (1892-1940). **Rua de mão única / Infância Berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BERNHARD, Thomas. **Correzione**. Torino: Giulio Einaudi editore, 2013.

BIONDI, Luigi; TOLEDO, Edilene. **Uma revolta urbana: a greve de 1917 em São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.

BLISSETT, Luther. **Mind invaders, per un network degli eventi**. Roma: Ed. Castelveccchi, 1994, em <http://www.lutherblissett.net>.

BORIN, Monique Félix. **Experiências da urbanização na Santa Ifigênia e Liberdade: (des)caminhos da modernização de São Paulo nos bairros centrais (1886-1923)**. 2020. 1 recurso online (389 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/356480>

BRITTO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein. **Corpocidade: gestos urbanos**. Salvador: Edufba, 2017

BRUNO, Fernanda (org.) ... [et al.]. **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CALÁBRIA, Lorena. **Chico Science & Nação Zumbi**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

CAMPOS, Augusto de. **Mallarmé / Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos**.

São Paulo: Perspectiva, 2010.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CARVALHAES, Ana Goldenstein. **Persona Performática: alteridade e experiência na obra de Renato Cohen**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2012.

COMITÉ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos – crise e insurreição**. São Paulo: n-1 edições, 2016. COUQUELIN, Anne. **No ângulo dos mundos possíveis**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

- CRITICALART ENSEMBLE. **Distúrbio eletrônico**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001. DAMÁSIO, António R.. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DERRIDA, Jacques. **Aporias: morrer - esperar-se nos “limites da verdade”**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2018.
- DICK, Philip. K. Dick. **O caçador de andróides**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo – comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- _____; VANEIGEM, Raoul e altri (traduzioni e cura di Pasquale Stanziale). **Situazionismo – materiali per un’economia politica dell’immaginario**. Bolsena (VT): Massari editore, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 2011. DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon – lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **Nascimento da biopolítica**. Lisboa: Edições 70, 2018. GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2016.
- GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2006.
- _____. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito da representações**. São Paulo: Annablume, 2010.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992. HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo, 2014.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine (orgs.). **Arte e cognição – corpomídia, comunicação, política**. São Paulo: Annablume, 2015.
- LA BOÉTIE, Étienne. **Discurso sobre a servidão voluntária**. São Paulo: Edipro: 2017. MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Rio de Janeiro: Grifo edições, 1969. MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PAQUET, Marcel. **René Magritte 1898-1967 – o pensamento tornado visível**. Bona: Benedikt Taschen, 1992.
- PATA-NO UN LTD. **Over Nine Billion Ways To Butcher Concepts And The Names Of Your Little Gods Too!** IN: <https://fnord.forumeiros.com/t752-over-nine-billion-ways-to-butcher-concepts-and-the-names-of-your-little-gods-too>
- RABAN, Jonathan. **Soft city**. London: Picador Classic, 2017.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano – da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **A cidade nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina**. São Paulo: Editora Unesp, 2018. SHELLEY, Mary. **Frankenstein: ou o Prometeu moderno**. São Paulo: Excelsior, 2019.

STEYERL, Hito. *Em defesa da imagem ruim*. IN: Instituto Moreira Salles (IMS). **Serrote**. São Paulo, nº 19, março 2015.

STIRNER, Max. **O único e a sua propriedade**. São Paulo: Martins, 2009. SYLVESTER, David. **Entrevistas com Francis Bacon**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

VANEIGEM, Raoul. **Noi che desideriamo senza fine**. Torino: Bollati Boringhieri, 2017. WU MING, **L'Armata dei sonnambuli**. Torino: Einaudi, 2015

FILMES

DEBORD, Guy. **Critique de la séparation**, 1961. - assistimos versão traduzida por Instituto Filosofia da Práxis, Fortaleza / CE.

_____. **La Société du spectacle**, 1973. - assistimos versão traduzida por Instituto Filosofia da Práxis, Fortaleza / CE.

_____. **Réfutation de tous les jugements, tant élogieux qu'hostiles, qui ont été jusqu'ici portés sur le film «La Société du spectacle»**, 1975. - assistimos versão traduzida por Instituto Filosofia da Práxis, Fortaleza / CE.

_____. **In girum imus nocte et consumimur igni**, 1978. - assistimos versão traduzida por Instituto Filosofia da Práxis, Fortaleza / CE.

FAROCKI, Harun. **Como você vê (As you see)**, 1986.

OSHII, Mamoru. **Ghost in the Shell (GHOST IN THE SHELL/ 攻殻機動隊 Gōsuto In Za Sheru/Kōkaku Kidōtai)**, Japão, 1995.

WACHOWSKI, Lana; WACHOWSKI, Lilly; SULLIVAN, Victoria; FLETCHER, Colin;

MCTEIGUE, James. **Matrix (The Matrix)**, EUA, 1999.

Urbano

criadores e criaturas

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Urbano

criadores e criaturas

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br